Mlle. Maria Sperb

QUADROS DA GUERRA

Na vertente alsaciana dos Vosges

Um destacamento francez que avança pela floresta, cavando trincheiras a cada passo

JULES MARY

AMO-TE

SEGUNDA PARTE

As mulheres passam tambem com suas camisas de linho cru', descobrindo parte das costas e do seio, muito magras e a saia curta, deixando ver as pernas seccas de cabras ou de corças. Uma carruagem passou tambem diante de Clermaret, pela estrada publica; um odor forte e são desprende-se em torno. O rapazio segue, brumidos como homens de outra raça. O cavallo puxa penosamente uma carroça, levantando uma nuvem de moscados, que turbilhionavam no pó, ferrados aos flancos do pobre animal, mal abrigado pela folhagem.

Na campina, as mulheres, amontoam os fenos tostados, aguardando a volta da carroça, e a cada traço de seus ancinhos, fazem voar bandos de gafanhotos sussurrantes, que se amontoam em torno das raparigas, subindo-lhes pelas pernas, saltando-lhes para os corpinhos entreabertos, e as fazendo gritar, rir e praguejar.

A luz do sol é de uma brancura e de um calor implacaveis. Um moinho das margens do Deule, tendo baixado as suas corportas para reter a agua na fossa, faz com que o rio não corra mais, como que aspirado por aquelle foco torrido que descia do sol. Viam-se não só areia miuda e fina a descoberto, como as raizes lamacentas das moitas de juncos.

A fabrica de vidro estava fechada. Todos os operarios se tinham dirigido a Clermaret ás seis horas. Rosen os conduzia, tendo ao lado os contra-mestres, dos quaes os dois mais antigos empunhavam ramalhetes de flores.

Genoveva recebeu-os em baixo, na escada, onde Rosen pronunciou um pequeno discurso, prévia e meticulosamente preparado havia algum tempo. Genoveva respondeu.

Bandos de menores magros e escuros imprensavam-se uns de encontro aos outros para ouvirem a dona do castello, com a cabeça descoberta e exposta ao sol ardente.

Quando a condessa subiu, sentiu o coração oppresso e, num rapido golpe de vista, observou cada um desses rostos amorenados, animados na occasião pela mais viva alegria.

O que ella procurava e que temia de ver por entre os manifestantes era Montbriand. Elle ahi não se achava. Respirou. Sentia a alma mais livre, como que alliviada.

Mas eis que ella estremece de repente. Em sua frente, alonga-se, por traz dos operarios em massa, a grande alléa do parque, muito larga, de cada lado da qual foram collocadas grandes e extensas mezas onde os operarios da fabrica jantariam á noite, com o parque todo illuminado de lanternas multicores.

Na extremidade dessa avenida appareceu um cavalheiro. Ella reconheceu Turgis... Turgis que ella havia afastado, afim de que não se encontrasse com o rival.

Por que vem elle agora? Felizmente Heitor não se acha alli.

Turgis desce do cavallo, approxima-se e a saúda. Seus olhos manifestam inquietação.

— Não me esperaveis, não é? disse elle em voz baixa, com um sorriso contrafeito.

— Não, porque vos havia advertido de que hoje não estaria livre.

— Pelo que vejo, não passo de um desmancha-prazeres, não é verdade? Devo então ir-me embora, não é assim?

— Ficae... Mas dizei-me, a que sentimento obedecestes, vindo hoje a Clermaret, onde não estaveis certo de encontrar-me?

— Perdoae-me, mas eu tinha certeza do contrario.

— Quem vos deu essa certeza? perguntou ella com certa altivez.

— Rosen.

— Seja isso, mas não me daes uma resposta ao que vos perguntei.

— Obedeci ao mesmo sentimento que, intimamente, Genoveva, vos levou a afastar-me daqui, hoje.

— E esse sentimento foi?...

— Do temor!

— Mas que temeis vós?

— Não sei. O que, por vossa parte, temeis tambem.

Genoveva comprehendeu que elle não daria outras explicações, não insistiu, pois. Mas ambos advinharam vagamente que a sombra crescia entre elles, atravez da qual não se percebiam mais distinctamente que outr'ora.

A festa não havia terminado ainda.

Os operarios, sempre agrupados, pareciam esperar qualquer cousa. Havia cochichos entre elles. Era que, no mesmo tempo que os contra-mestres apresentavam os seus ramos de flores, o mais antigo dos vidraceiros, o pae Turbal, contemporaneo de Rosen, devia pronunciar, como todos os annos, naquelle dia, algumas palavras de saudação á patroa.

— Turbal? — chamou o director. O' pae Turbal?

Procuraram-n'o. Um pequeno contou que o vira, na vespera, á noite, a queixar-se de doente. Evidentemente elle não viria. Os operarios encararam-se a conversar entre si com animação. Pareciam contrariados.

E Genoveva, sempre a responder o que lhe dizia Turgis, ouvira por varias vezes pronunciar-se o nome de Rudeberg, nome que passava de bocca em bocca.

Nenhum dos operarios se sentia nem tão eloquente nem bastante corajoso para dirigir a palavra á condessa, e elles acreditavam que sómente seria capaz disso, embora, sendo o mais novo dos companheiros de trabalho, o que dava por aquelle nome. Mas Rudeberg estava tamem ausente. Entretanto, elle não devia estar por longe. Elle foi encontrado nessa propria manhã rondando pelos arredores da capella, em trajes de festa, como os outros.

Porque não estava elle alli com os companheiros? Porque andava arredio áquella hora? Ah! elle que se havia ausentado, exprime-se com facilidade, com elegancia... recebeu instrucção certamente. Bem que elle não fosse de muitas conversas com os outros operarios, comtudo estes notavam essa sua distincção já ha muito tempo.

Dois ou tres destacaram-se do grupo e correram para a fabrica. De subito, pararam na alléa do parque... Não estão longe... Ao envez de proseguirem o seu caminho, detêm-se em pleno parque. E do castello ouviam-se os seus gritos:

— Rudeberg? Oh! que fazes ahi? Porque te occultas de nós?

Voltaram em seguida trazendo Heitor comsigo, pelo braço, a quem animaram com seus rudes modos amigaveis.

Rudeberg procurou esquivar-se com um signal de raiva na physionomia, por haver sido descobero por detraz das arvores; mas logo que os companheiros o arrastaram até á alléa, sendo assim descoberto por todos, não offereceu mais resistencia. Foi juntar-se aos outros.

A' sua chegada, os companheiros abriram fileiras.

Rosen tomou-o pela mão. Montbriand deixou-se levar por uma força superior a todos os seus raciocinios. O que elle faz é machinal. Os vidraceiros agruparam-se por traz delle, curiosos por ouvir o que elle vae dizer.

Turgis mantem-se silencioso.

Rudeberg atravessa as fileiras dos operarios. Seu olhar duro e firme pousa sobre o do magiistrado e não se modificou na sua dureza sinão depois de encontrar-se com os olhos espantados de Genoveva.

Turgis o reconheceu. Sua pallidez era profunda.

Turgis curva-se ao ouvido da condessa:

— Eis o que me procuraveis occultar. Eis porque me querieis afastar.

Ella debate-se, indecisa. Procura negar.

— De que se trata, então, e que entendeis dizer-me como resposta?

— Esse Rudeberg com quem vos sorprehendi junto ao Deule não é outro senão Montbriand...

— Turgis, que pretendeis fazer?

— Não tenho o direito de tudo suppor? Quem me censurará por isso?

— Eu vos suplico, Turgis!

— Já que elle está perto de vós, o meu dever agora é afastar-me, é deixar-vos.

— Eu vol-o prohibo.

— Sua presença é um ultrage para mim.

— Eu lhe havia ordenado que deixasse este logar.

— Vossa ordem foi tão suave, sem duvida, que elle não pensou mais em satisfazel-a.

— Turgis, vós não me amaes!

— Eu vos amo ainda, Genoveva, mas é certo que menos hoje do que em nossos dias passados.

— Meu Deus! meu Deus, que devo fazer? Vou para o castello, despedir estes homens, não posso demorar-me por mais tempo.

— Ao contrario, deveis ficar para evitar os commentarios, o escandalo; os vossos operarios ignoram o verdadeiro nome de Rudeberg. Tomae todo o cuidado em não fazer que elles venham a sabel-o.

— Vós me despedaçastes o coração; a vossa suspeita me fez um mal horrivel.

Os seus olhos estavam voltados para o solo e elle se mantinha calado. Uma palavra bastaria para dar um pouco de coragem a Genoveva, um pouco de calma. Essa palavra, elle não a pronunciava.

E Rudeberg, immovel ficou, com a cabeça um pouco voltada, num gesto de dolorosa ironia e de desafio a Turgis, contemplando os dois.

Rosen bateu-lhe no hombro.

— Vós, meu camarada, que tendes a lingua bem solta, tomae a palavra em nome de todos nós e dizei á nossa patrôa que nós continuamos a amal-a como no passado e que nós estamos sempre promptos a prestar-lhe os maiores serviços com o maior devotamento.

Rudeberg depois de uma ultima hesitação, pareceu decidir-se.

E, com voz forte:

— Sinto-me feliz, senhor Rosen, pela escolha que em mim fizestes, na ausencia de Turbal, para renovar á senhora de Montbriand a segurança de nossa mais respeitosa e mais profunda affeição.

"Outros, que não eu, eram mais dignos sem duvida, tanto pela sua idade como pelos serviços ha muitos annos prestados, mas nenhum certamente se julga aqui com maior merito pela grandeza da sympathia que a senhora de Montbriand nos inspira; nenhum outro, digo, merecia esse galardão, pois, o ultimo a vir servir comvosco ás ordens da distincta senhora, apresso-me a confessar que me julgo tão digno como qualquer de vós, não pela habilidade e competencia no trabalho, mas pelo amor que dedicaes á vossa patrôa.

— Muito bem! Muito bem! disseram todos os operarios.

— Sim, senhora, continuou Rudeberg commovido, nós todos vos amamos. Podeis exigir de nós os mais pesados e penosos serviços, nenhum recusará. Rica e prospera, o nosso devotamento de nada vos valerá, mas, si cahirdes na desgraça, o que não vos acontecerá certamente, elle será para vós precioso. Nossos votos são para que nunca necessiteis de nós. Entretanto, vós sempre nos encontrareis dispostos a auxiliar-vos até ao ultimo extremo, si a felicidade um dia separar-se de vossa pessoa.

— Bravo! Bravo! Elle fala melhor que um candidato.

— E não é isto muito natural? Vós sois tão boa, senhora, tão simples, tão indulgente, que não é possivel que se vos possa adorar mais... aquelles que por ventura vos pudessem causar algum desgosto seriam considerados grandes criminosos. Quanto a mim, senhora, estou prompto até a dar, e isto não é certamente uma expressão vã e banal, a minha propria vida a qualquer gesto vosso... e por um só dos vossos sorrisos...

Genoveva conservava as palpebras serradas. Só respondia por um signal de cabeça.

Turgis procurava encontrar o olhar de Rudeberg, o que conseguiu por fim. Os dois homens trocaram o seu odio numa mutua e muda provocação.

Um contra-mestre approximou-se. Rudeberg tomou-lhe o ramo de flores das mãos e apresentou-o a Genoveva.

No momento em que a pobre condessa queria desfallecer, avança a mão para recebel-o, Turgis murmura:

— Delle, não, não quero.

Brutalmente, arranca o ramalhete dos dedos tremulos de Rudeberg e entrega-o á condessa que se sentia fóra de si.

Pallido e tremulo, o operario morde os labios.

O segundo contra-mestre approximase tambem com outro e maior ramo de flores varias por traz das quaes offerece o seu rosto, enrugado como uma velha maçã, escuro com uma toupeira, a sorrir, indeciso.

Rudeberg tambem apresenta esse "bouquet" á condessa, mas quando Turgis vae proceder com este do mesmo modo como com o primeiro, Montbriand zurze-lhe o rosto com elle.

Genoveva cae desmaiada nos braços de Turgis que a retira dalli. Os operarios, por um momento interditos, cercam Rudeberg.

— Como é, ficastes louco?

Elle os ouviu silencioso. Como os companheiros insistam, elle os acalma com uma palavra:

— Fostes insultados na minha pessoa. Vinguei-me.

— Mas que ha em tudo isso?

— E' cá um negocio entre mim e o Sr. Turgis.

Em meio dos murmurios e de ameaças, Rudeberg retirou-se. Os operarios dispersaram-se. Montbriand não anda por muito longe. Elle fica pelos arredores de Clermaret, como que aguardando a apparição de Turgis.

Effectivamente não se enganou. De repente, Turgis, descendo a escada, atravessa os taboleiros de relva e todo o jardim e dirige-se para o parque. Nos seus modos, vê-se bem que elle procura alguem.

Rudeberg apresenta-se. Alguns operarios conservam-se ainda na grande alléa, prevendo uma scena tragica e curiosos para verem o que se vae passar certamente.

O magistrado, com um gesto imperioso, faz-lhe signal par que voltem á fabrica.

— Senhor de Montbriand, a discussão não será longa entre nós. Amo Genoveva e Genoveva vae ser minha mulher. Vossa presença em Clermaret não constitue somente uma provocação a mim feita, mas tambem um motivo de constante temor para Genoveva. Procurou-se, com o vosso afastamento ordenado, evitar um encontro pelas armas que a vossa obstinação tem feito que se dê e que o vosso insulto de ha pouco tornou inevitavel.

— E não me arrependo do que fiz. Eu vos odeio, senhor.

— Quanto a mim, contento-me em vos despresar.

— Amanhã, então.

— Porque amanhã? Nesta tarde mesmo. Tenho pressa em castigar-vos. Daqui até amanhã pode dar-se qualquer imprudencia. Genoveva pode ser advertida. Suas duvidas já foram despertadas. Ella deve comprehender que eu não supportaria certamente um insulto recebido publicamente e acreditará certamente em vosso plano e procurará oppor-se a elle. Que lhe respondeis vós si ella supplicar-vos que vos não bateis? Que responderei eu mesmo?

— Pois seja nesta tarde mesmo. Mas não nos podemos bater sem testemunhas.

— Eu terei por testemunhas Rosen e Trinque. Quanto a vós, escolhereis entre os contra-mestres, os quaes quasi todos foram soldados, dois amigos que sem duvida se porão logo á vossa disposição.

— Seja assim. Para que hora?

— Para as seis.

— Onde?

— No bosque dos Quatro Ventos, a dez minutos da fabrica. Isto não vos causará incommodos. Vou a Lille, onde arranjarei alguns pares de espadas na armaria, que alli existe. Ellas serão pouco familiares tanto a mim como a vós. Mas creio que terei confiança nellas assim mesmo, não é assim?

Rudeberg inclinou-se sem outra resposta.

Turgis proseguiu:

— Quanto ao medico, o da aldeia nos serve. Vós o conheceis bem, pois é medico da fabrica. Podeis encarregar-vos de prevenil-o, não?

— Immediatamente.

Separaram-se.

Quando Turgis voltou ao castello, Genoveva já estava em seus sentidos. Seu pae, ao abraçal-a, consolava-a acariciando-a. De tempos a tempos não lhe poupava, entretanto, algumas censuras amigaveis.

— Vê tu, queridinha, como andaste mal! Devias ter sido mais energica e expulsal-o, esse operario da desgraça, e não tergiversar como tem acontecido até hoje, pois tambem me sinto culpado, não tendo agido como devia. Sou um fraco, muito fraco.

Genoveva não ouvia os ralhos do pae. Ella movia os olhos em torno e, com um gesto de terror, indagava:

— O Sr. Turgis subiu comnosco? Onde está elle, então?

— Saiu.

— Sem dizer onde ia?

— Nada disse effectivamente. Que pensas tu que elle fosse fazer?

— Vae bater-se. Estou certa disso, vae procurar Montbriand.

— A provocação não parte delle, mas sim de Rudeberg. Não viste? E si o senhor Turgis puder dar-lhe uma lição em regra, ficarei satisfeitissimo.

— Meu Deus, meu Deus, que terá acontecido?!... E' por minha causa que elles se baterão e que um delles vae ser ferido ou morto talvez!

— Tambem levas tudo para o lado peior!

— Ah! eu bem notei como elles se odeiam. Seus olhos estavam cheios de colera. Trata-se de uma luta mortal entre ambos. Estão ciumentos um do outro... Turgis, do passado... Heitor do presente.

E Genoveva tinha razão. Que podia dizer? Elle mesmo estava longe de se sentir tranquillo, mas dissimulava as suas inquietações.

Continua

Ao querido Gilsinho

O teu coração é um magestoso jardim, onde encontrei a Sinceridade e os nossos corações estavam sempre unidos como as delicadas petalas de uma flor.

Clarinha.

A' inesquecivel amiguinha Carminda

Muito depressa me esquecestes, porém eu jamais te esquecerei; viverei na solidão, tendo por consolo a triste recordação do passado e a Esperança, palavra suave que nos dá alento e coragem para soffrer a pungente dor da ingratidão.

S. Gonçalo.

Saudade roxa.

O amor é materia; a amizade é substancia. Aquelle dispensa esta, mas a esta é indispensavel aquelle.

Rio, 23—6—15.

Vionizes.

Para J. C. M. S.

O grande erro dos philosophos em questão de amor, é procurar ler com o cerebro aquillo que com o coração se escreveu.

Anlralih.

Para Helena Pereira

Um olhar de mulher nunca se tem como se quer.

Auzemir.

Para I. P.

Pela simplicidade se reconhece a sinceridade.

Auzemir.

Assim como o estudo fortifica o espirito, o amor solidifica o coração.

Villa Izabel.

Angelica.

Ao Sandes

Infeliz da mulher que te consagrar o doce sentimento do Amor. Sua vida será qual tempestuoso mar de illusões, onde nas tenebrosas ondas da falsidade, sossobra o fragil batel da sinceridade...

Julieta.

Ao A. M.

O problema mais difficil que tenho procurado resolver na vida é esquecer-te.

A esperança é o lenitivo que amenisa as amarguras do meu triste e saudoso coração.

Barbacena.

Alram Lenar.

A' Cleria

Ao contrario do que dizes: O amor do homem quando é sincero e puro, é inabalavel, qual parazita que vive no tronco esteril do arvoredo, nem a respidez dos annos, nem a morosidade dos seculos o destroe.

A. O. A.

A alguem

O amor começa sempre pelas elegrias desconhecidas que nós, pobres mulheres, julgamos não ter fim, porem quando vem o desengano, comprehendemos então que tudo foi um sonho bello mas rapido.

Luzia M.

Dedicado á C. N.

O que me consola nos momentos tristes de minha vida são teus lindos olhos côr do céo, cujos reflexos formam o unico elo que me prende á terra!

Bello Horizonte.

A. Piana.

A'...

A verdadeira saudade, é uma luz eternal alimentada pelas reminiscencias, alabastrinisando as mellifluas chimeras fanadas no preterito.

(Encantado.)

A. F. Mattos.

A quem eu amo

Era numa dessas tardes amenas do florido mez de maio, em que o sol rutillante espargia seus fulgurantes raios sobre o solo e os passaros entoavam alegremente os seus maviosos hymnos. Eu contemplava com nostalgia infinda toda a belleza encerrada nessa tarde sublime e, pensando em ti, suppunha estar admirando o teu bello porte e o teu riso encantador. Assim fiquei horas longas, numa lethargia illimitada, só tendo em vista o teu vulto airoso e que eu tanto adora com fervor! Mas em breve veio a cruel desillusão e as meigas phantasias do meu scismar, desappareceram como o teu amor...

Mina.

A' Dorinha

A mulher voluvel é como a borboleta inconstante a saltitar de flor em flor até ser attrahida pela phantasia florida de uma vidraça, donde se batendo, exhausta e soltando o pó doirado de suas azas cahirá desfallecida pelas irradiações da luz.

Enne de Souza.

Ao M. S. Britto

Sei que partes breve; levas comtigo meu coração saudoso e deixas minha alma na mais triste solidão.

Maria.

A. V.

O amor por ti, a nada se compara: imagina o impossivel e colloca-o acima. Assumiste uma responsabilidade enorme correspondendo-me, em caso de arrependimento, só o remorso se abrigará em teu peito.

L. M. P.

Fé! — para os crentes não ha nada mais bello, que devemos ter amor e crer neste ente supremo Creador.

Esperança!—como é adoravel esta palavra para os infelizes que até o ultimo momento estão sempre esperançosos.

Caridade!—para os corações bondosos não ha nada mais sublime que alliviar as dores dos desgraçados.

A. M. P.

A' graciosa Mlle. Luiza P. Cunha.

Assim como as flores enfeitam o jardim, a tua amizade dulcifica o meu coração.

Helena S. Vidal.

Ao Ascanio A.

A ingratidão é a guarda fiel dos corações perversos.

O. L. A.

M. D. G.

(Em resposta ao postal de 15-7-915)

Quando na aurora da vida, encontramo-nos com aquelle ser a quem amámos na infancia, o nosso coração se recolhe á mais triste das solidões, tendo como lenitivo um passado amor — saudades e desesperanças!

A palavra "amo-te", nem sempre traduz o verdadeiro sentimento, pois recebi d'uns seductores labios essa tão bella quão mentirosa phrase!

O. N.

A' normalista I. S. Guimarães

Se me vires morta algum dia, abre com todo o geito o meu coração e verás que em suas fibras mais sensiveis persistirá a tua imagem peló amor que te devoto; não o retires, consente que eu o leve commigo dentro deste santuario modesto.

Tua amiga

Elvira Vidal.

A minha amiguinha Elvira

Na lagrima de amor, ha como na saudade, uma doce amargura que é veneno que não mata por vir sempre temperado com o reactivo da Esperança.

S. Christovão.

Bibi.

A ti, que me entende.

Amei-te, amo-te e amar-te-ei sempre! pois vejo em ti a felicidade dos meus dias.

Rio, 16 de julho de 1915.

Pecego.

Ao meu adorado Alvaro (ou a um moço dos olhos brilhantes.)

Vel-o e não amal-o é tão impossivel como tocar as estrellas com a mão, como deter a marcha da Terra com a simples força d'um mortal.

Aquelles olhos não mentem, nem aquelles labios fingem; a pureza duma alma candida rebrilha no fundo de suas pupillas; a belleza dum coração nobre deixa vêr-se atravez do franco sorriso de seus labios.

Fortaleza-Ceará.

Escrich.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Elza G. do Nascimento—Os seus trabalhos estão na pasta esperando julgamento. Nos postaes já sahiram alguns, se não estamos enganados.

Augusto—Está bomsinho o trabalho. "Volta, sim?"... dedicado a Mimi, mas é tão grande que não sabemos quando haverá espaço.

Deprym, — Bons, alguns, sairam. *Nocturno*, muito fraquinho. Porque não se inspira nos de Chopin?

Augusto—Serve e será publicado no proximo numero.

E. A.—O acrostico é grande para a Secção "Bilhetes postaes".

Alves Accioly—Esperando a vez.

Zenith Silva— No proximo nº. será publicado.

Walter Corrêa—Idem, idem, na mesma data.

J. Velloso—Com muito prazer no proximo numero.

Irene Lucia—Muito simples o seu trabalho.

Estros Faria—Bom o soneto *Tarde triste,* será publicado.

Magdalena F. L.—Os seus versos enfeixam tão mal o seu pensamento! Os dois ultimos versos estão bons e exprimem um pensamento completo, que publicaremos nos Postaes.

Magnolia Triste—Já estava fazendo saudades. O seu trabalho serve e será publicado, apezar de estarmos em tempo frio, e quando as cigarras não cantam.

Marietta C.—Estude metrificação e volte.

Camelia Branca— "Ao anoitecer" serve, mas os versos "Em retribuição" têm alguns descuidos de metrificação.

Urias de Mello—Muito simples.

A. Figueiredo — O sr. tem geito, escreva com mais apuro, e appareça.

Oldemar B. A.—O soneto "O meu Amor", precisa grandes retoques...

Mlle. Alzira—Não serve. Porque não escreve V. Ex.ª em prosa, como já tem feito. Versejar bem é difficil.

Oliveira Junior—Pode ser.

Eugeny—Ficou zangada? V. Ex.ª tem produzido tanta cousa boa e já publicadas neste jornal, que não nos animamos a publicar o ultimo trabalho que nos mandou, o qual como dissemos resentia-se de alguns descuidos.

Mietta—Depois da sua ultima e amavel cartinha já se escoaram mais de tres mezes... Faz-se sentida a sua auzencia e causa saudades. Acreditamos que já não esteja acabrunhada com os desgostos porque passou. Aguardamos sua collaboração.

Eliziario Dourado.—Bom o seu soneto, mas um pouco forte.

Peryllo H. — Não serve o seu soneto por conter erros de linguagem e descuidos no estylo.

Hermano Brumer—Muito bom, agradecidos.

Sylvio—Quando houver espaço.

Oscar — Hamleto dizia á Ophelia: "Fate monaca!" quando ella procurava embalar os sonhos do doce conchego do amor de principe. Diante de seu estylo arrevesado e obscuro que poderemos dizer de sua "Ophelia"?

Isaias Zaresco — Está bom, o seu "Templo em ruinas", falta-nos espaço agora.

M. Mendes Crespo — Não serve.

Timido—Com alguns retoques será publlicado no proximo numero.

Paulino Barbosa—Pode ser.

Dulce Dolores—Serão publicados.

Auzemir — Fraquinho, o seu trabalho e sem estylo.

Adelia R.—Simples de mais o seu trabalho "A' beira-mar".

Doly—Porque não procura um compendio de metrificação para que os seus versos, que encerram febris pensamentos, não appareçam com *pés* de mais nem de menos?

Judith—Os seus versos estão muito fraquinhos. Os pensamentos serão publicados.

Angela — A mesma resposta dada a Judith.

Nayl Oranjo—A prova que nos mandou não deu boa reproducção. Será favor, V. Ex. mandar outra photographia. Temos o maior empenho em agradar ás nossas amaveis leitoras.

O MEZ DE AGOSTO

Signo Virgem

Agosto era o sexto mez do calendario Albano e ficou sendo o oitavo no de Numa; mas continuaram a chamal-o *sextil* ou *sexto*, até ao tempo de Octavio Cezar, mais conhecido pelo nome de Augusto, em cuja épocha o senado para lhe render a mesma homenagem que tinha rendido a Julio Cesar, decretou que este mez, em que Octavio tomara, pela primeira vez posse do consulado, em que celebrara tres triumphos, reduzira o Egyptho á provincia romana e dera paz ao imperio dilacerado por discordias civis, fosse denominado Augustus, donde veio então a palavra Agosto.

Este mez era consagrado pelos antigos a Ceres, deusa das searas e ceifas. O modo pelo qual mais commummente se representa o mez de Agosto é por uma mulher formosa, de avantajada estatura, coroada de espigas de trigo e com feixes dellas em ambas ás mãos. Representa tambem o septema astronomico, porque o sol entra pelos fins do mez em um dos signos do zodiaco, chamado virgo ou signo da virgem.

As mulheres devem prefirir para maridos os homens nascidos neste mez, porque elles começando por serem bons filhos serão bons chefes de familia.

De igual modo os homens não deverão desdenhar para esposa as mulheres que sob a influencia deste signo vierem ao mundo. Encontrarão nellas dignas companheiras.

Longa vida terão ambos os sexos.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 1 DE AGOSTO DE 1915 NUM. 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores Turnauer & Machado.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

Vós, meigas e sentimentaes leitoras, cuja ductilidade sensitiva e ás vezes doentia impressionabilidade vos levam a architectar em torno de uma desdita as mais tristes e acabrunhadoras visões de desespero, como não trareis certamente conturbado o vosso espirito, ao lerdes os horrores dessa espantosa carnificina que váe transtormando a Europa inteira num grande oceano de sangue vivo?

Não deve ser só a idéa evocativa dessa hecatombe de milhões de vidas que vos perturbará o brando aflorar de vossos divinaes sorrisos por esses labios feitos de petalas de rosas; não deve ser só esse tetrico pensamento de tanta existencia em flor sacrificada em holocausto a esse tremendo egoismo das raças consideradas fortes; não deve ser apenas a lugubre e atormentadora certesa desse sombrio e equanime lamento de milhares de mães a sentirem a morte no seio com a noticia da perda de seus mais extremecidos e mais caros rebentos d'alma; não deve ser sómente essa implacavel expectativa desse numero infinito de creanças atiradas á mais assoberbante e mais cruel orphandade, que vos hão de surgir por entre os doces enlevos de vossa existencia tão calma. Não.

Todo esse conjunto de cousas assombrosas e hediondas, todo esse accumulo de atrocidades innominaveis ha de passar pela retina de vossa reflexões como um mundo muito afastado, um negro inferno onde um genio implacavel põe em pratica sua tremenda luxuria de um martyrologio indizivel.

O que vos deve ter por certo impressionado grandemente o espirito, o que deve ter levado ás vossas almas de aves medrosas e de timidas florinhas a negra visão dos mais tormentosas sombras para as vossas manhãs tão cheias de luz, são esses actos, ora de grandeza épica, ora da mais desoladora tristesa com que os infernaes acontecimentos dessa louca e sangrenta luta européa vão assignalando o seu nefando desenrolar.

De quantos lances supremos, de que pasmosa série de cousas innenarraveis e capazes de infundir dó ao mais impedernido coração humano não trata a chronica desse espantoso choque de massas de homens, movidos pela mais céga e mais criminosa das ambições de poder?

Seria preciso dispôr de muitas paginas desta revista para relatar-vos tudo que tem occorrido de monstruoso, de heroico e de tristemente sombrio nessa pavorosa carnificina humana.

Para dar-vos uma vaga idéa, uma pallida e indecisa visão do que tem sido para a alma de um cem numero de pessoa a quem essa tormenta, sem precedentes na terra, desencadeada sobre o continente europeu e parte da Asia envolveu em suas dobras de sangue, basta que vos relembre o facto doloroso passado ha poucos dias entre nós e que a imprensa assim descreveu sob o titulo – "As tristezas da guerra".

"Juntos cresceram.

A amisade fraternal que os unia, mais e mais augmentava. Juntos sempre trabalhavam Philippe Alt Allemão e seus tres irmãos.

Veiu a guerra e elles se separaram.

Philippe ficou a bordo do "Gertrude Wollmann" emquanto os outros seguiam para as trincheiras.

Philippe, o seu navio aqui retido, não pôde seguir.

Ancioso, acompanhava o movimento de sua patria, aguardando noticias.

Hoje, recebeu uma carta.

Que anciedade ao abril-a!

Seus irmãos? Cobertos de glorias ou despedaçados pela metralha?

Leu. Mortos? Pareciam-lhe dansar as letras á sua frente.

Um soluço, Uma gargalhada . . . Philippe enlouquecera!

Não supportara a angustia d'aquelle momento tragico.

A policia maritima fel-o remover para o Hospital de Allienados".

A percussão dolorosa da brutalidade do facto em si, evocando de seu curto passado as sombras queridas desses irmãos que já não vivem, de tal modo sensibilisou a alma bem formada desse subdito da raça germanica, que as suas cellulas cerebraes não resistiram ao choque tremendo dessa desgraça inremediavel.

Hoje, sem duvida, pela sua cerebração em desordem hão de passar certamente, atravez das scenas dantescas desse estupendo exterminio de vidas, a visão infinitamente dolorosa e percuciente desses tres companheiros de jornada humana, vinculados pelo amor da familia e mortos pelo amor da patria, a passarem por diante de seus olhos, illuminados pelos clarões da loucura, com seus sudarios sombrios num ultimo adeus espectral.

INSTRUIR DELEITANDO

MULHER DE SOCRATES

Fulana é uma verdadeira *mulher de Socrates!*

Essa expressão tambem podia ser substituida por esta outra mais synthetica: Fulana é uma verdadeira *"Xantippe"!*

E, que quer dizer isso?

— Uma mulher de genio violento, insupportavel; irascivel, ao extremo.

Xantippe era uma mulher assim; mais do que uma *sogra*, no verdadeiro sentido figurado do termo.

Socrates que bem a conhecia, a desposou para se habituar á paciencia.

Registram-se casos inconcebiveis do arrebatamento dessa mulher. Um delles, que serve bem de panno de amostra, é o seguinte:

Socrates convidou um amigo para jantar, e como não tivesse scientificado disso á mulher, quando se sentaram á meza ella puxou a toalha e lançou no chão toda a comida.

Isto é, simplesmente a maior de todas as grosserias. A mulher para ser a obra prima, o encanto da natureza, deve ser antes de tudo o modelo da candura e da bondade. Esses predicados dão-lhe uma belleza maior do que a formusura physica.

Oh! não sejamos nunca uma Xantippe! O nome só por si já é tão feio...

DEPOIS DE MIM, O DILUVIO

E' muito usada essa phrase em francez: *Après moi, le diluge.*

Symbolisa este dito um egoismo condemnavel, criminoso.

Ha governos que quando dirigem a nação, não têm a menor noção do que seja economia tão necessaria ao bem estar e á prosperidade do povo.

Enchem-se e procuram encher os amigos, muito embora fiquem exhausta as arcas do thesouro; muito embora sobre venha a ruina ou a bancarrota.

Taes governos têm, por certo essa divissa.

Essa expressão remonta ao reinado de Luiz XV que com delapidações desregradas não hesitava em comprometter a realeza e desfalcar o erario.

E quando algum amigo, amigo sincero lhe fazia ver o mau caminho que tomavam os negocios do Estado, elle respondia:

"Bem sei que as cousas vão de tal maneira, que durarão tanto como eu. Mas, que importa? O meu successor se arrange como puder. Depois mim, o diluvio."

Entretanto não se pode em boa razão, dar a paternidade dessa phrase a Luiz XV, porque os latinos tinham este proverbio, de que a phrase citada parece ser uma traducção:

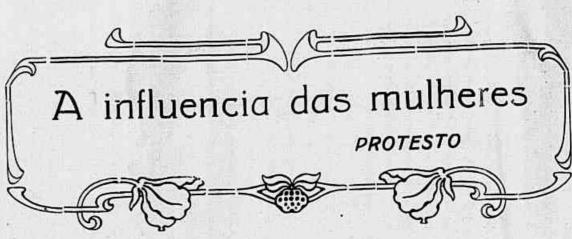
"Depois de eu morrer, arda o mundo, muito embora."

Melle. Mimi.

Senhorita Hylda Cyrino, vestida de Maria Magdalena, na procissão dos Passos em Juiz de Fóra.

Chorar aquelle que está morto e menos penoso do que chorar aquelle que vive mas a quem perdemos para sempre. — **De Bonal.**

A influencia das mulheres

PROTESTO

Da nossa distincta e presadissima collaboradora Mlle. Mimi, recebemos a seguinte carta que com prazer publicamos:

Snr. Redactor do "Jornal das Moças"

Lendo no ultimo numero de vosso conceituado e hoje popular "Jornal das Moças" um artigo com o titulo supra, não pude, por mais que o quizesse, calar o meu protesto.

E porque? Porque ahi só se faz citação da influencia malefica da mulher.

O autor se esqueceu de que, sendo a mulher um mixto de —anjo e satan—como dizem os poetas, tem produzido o bem e o mal desde que o mundo é mundo.

Elle deverá citar tambem, para ser justo, o bem que ella tem feito á humanidade, muitas vezes, a custo de sua propria vida.

Na historia antiga, para não fallar em outras, encontramos as personalidades venerandas de Esther e de Judith...

Em França Joanna d'Arc, Carlota Cordaye que matando a Marat, declarava que matava um homem, para salvar cem mil, Mme. Lefort...

E passando-se a uma outra arena mais calma, notamos que todos os grandes homens representam o resultado da influencia da mulher.

E deve ser assim, porque a vida domestica — onde a mulher é soberana—é que prepara a vida social.

Santo Agostinho, o que era, deveu á sua genitora. Mas não foi esse o unico varão em que os conselhos, a direcção da mulher se fez sentir, não. Ahi estão Spencer, Samuel Johnson, Jorge Whastington, Crowell, Goethe, e muitos outros.

Se não fôra Catharina, Camões não teria sido aquelle grande genio cuja obra é o maior monumento da litteratura portugueza. Sem Eleonora, não teriamos Tasso; sem Laura não haveria Petrarcha; sem Beatriz não conheceriamos Dante...

Quando na revolução franceza o vicio havia contaminado á sociedade, e a virtude, a moral, a religião num desenfreiamento inconcebivel desappareciam no mais torpe sensualismo, Napoleão declarava que a França tinha falta de mães.

Por que, pois havemos de citar somente a influencia malefica das mulheres quando ellas têm tambem concorrido para o bem da humanidade?

O homem tambem faz parte do genero humano, e penso que na vida das nações mais damnosa tem sido a sua influencia que a das mulheres.

Peço, Sr, Redactor, me desculpar esse desabafo, mas, como mulher, não podia me calar diante desse attentado de lesa-justiça.

Melle Mimi.

A ARTE DE SER ELEGANTE

Ha alguns annos atraz, quem ousasse falar em elegancia, em boas maneiras despreoccupadas, em attitude esthetica, seria olhado de esguelha, com certa desconfiança, pelas matronas que ainda representavam os costumes do seculo XIX, o seculo da saia balão, do chapèosinho de larga fita pendente...

Rapidamente os tempos mudaram e os habitos tambem.

Importamos com uma certa cultura intellectual, a maneira de vestir de algumas sociedades européas, representativas da maxima elegancia e do maximo refinamento na vida moderna.

*
* *

Passamos a comprehender as estações: o estio com a sua canicula e com as suas vestimentas leves de tule, de gaze, de crepe da China, de seda e de linho alvissimo; o outomno com o seu calor suave, e com as roupas de verão modificadas, algumas capas á noite, à sahida dos theatros nacionaes; o inverno com a sua bruma ficticia que o sol logo desfaz, com as vestes de lãs leves, de cachemiras finas, com os abafos, com as mantas de velludo, com os toucados simples de velludo e lã; e emfim a primavera com os jardins floridos e com os dias claros e azues pedindo passeios matinaes nas avenidas aromadas e cheias da sombra enternecedora das arvores muito verdes, as mulheres mais jovens, mais rosadas, nos seus vestidos levissimos emprestando-lhes uma graça toda subtil, toda aerea, de borboletas aligeras em busca de perfume...

*
* *

Depois disso tivemos finalmente a elegancia, arte de vestir com apuro, discreta mas sumptuosa, modesta mas distincta e refinada.

E é isso que se pode verificar no presente inverno, nas tardes de *corso* na Avenida Beira-mar, nos *thé-tango* do A. C. B. nas festas litterarias e nos theatros da Avenida.

Passeia-se á tarde nos logares pittorescos, por que é commodo e agradavel; vae-se ás festas litterarias e ao theatro porque o espirito assim o exige, porque a arte torna-se indispensavel á vida; emfim todos se vestem bem por bom gosto nascendo d'ahi a verdadeira elegancia, os bons costumes em sociedade.

*
* *

E hoje ás matronas do seculo *XIX*, habituadas ao nosso seculo-vertigem, sorriem complascentes para a maravilha da actualidade, olham saudosas, com uma lagrima no canto dos olhos sem brilho, para o passado, o seu modesto e comico passado, de saia balão, de chapéosinho de larga fita pendente...

Yvonne.

O Snr. Coronel Jeronymo das Chagas e seus netinhos residentes em Leopoldina—Minas

———◇◇◇———

Luiz Pistarini publicará brevemente mais um livro intitulado: *Agonias e ressurreições*.

A noticia da proxima publicação de um livro desse mavioso lyrico que é Luiz Pistarini, tem sido recebida com immensa alegria pelos innumeros admiradores e amigos do distincto poeta.

Agonias e ressurreições não será uma estréa fraca, nem obra imperfeita de decadente. E' a continuação melhorada, burilada da musa do «Bandolim e de Sombrinhas e postaes».

———◇◇◇———

Alma, comparareis a um abutre são as recordações que occultas em tuas dobras. Ellas ahi dormem emquanto as tempestades se fundem sobre ti, mantendo-te sempre inalteravel. Mas quando o coração se enche de calma e confiança, subito o abutre se eleva e aguça as suas garras. Para defender-te? Não! para martyrisar-te!

———◇◇◇———

Os tres véos de Maria

O primeiro véo de Maria era de linho mais alvo do que a neve, e tecido de fios tão brandos como os fia a Virgem. Bordara-o Maria por suas proprias mãos, e era ornado com uma corôa de flores de seda, tão bem imitadas, que lhe zumbiam em torno as abelhas.

Uma só vez poz ella o seu véo branco — no dia de sua primeira communhão.

O segundo véo de Maria era de lã escura. Começara-o ella no dia da morte de sua mãe, em que ficou sosinha em casa. Era bordado de palmas sombrias, como as do cemiterio, e banhara-o Maria com todas as suas lagrimas.

Uma só vez poz ella o seu véo negro — no dia em que se fez noiva de Christo, no convento da Ave-Maria.

O terceiro véo de Maria era feito de um pedaço do azul-celeste. Era bordado de estrellas, e exhalava os aromas do paraizo.

Quem lh'o dera fôra o seu anjo da guarda, no dia em que foi para o céo.

H. MURGER.

CARTAS DE AMOR

Camelia Branca

Esta cartinha, grito dorido de um coração martyrisado por um amor inexplicavel, mas real, vae levar ao vosso cerebro a confusão, que sempre causa o mysterio.

Não me conheceis, bem sei! Entretanto eu vos conheço e vos admiro!...

Embora nunca tivesse tido occasião de divisar, ao menos o vosso vulto — que eu advinho esbelto e senhoril, através dos vossos escriptos — e nem de contemplar as vossas faces luminosas — como em sonho eu já adivinhei — sinto dentro em mim, germinar por vós, uma affeição sincera e robusta!

Podeis crêr: os mais ditosos momentos da vida errante que levo, são os da leitura dos vossos versos maviosos e constantes, e das vossas prosas escriptas sempre n'um estylo encantador, por si só capaz de trahir o vosso aprimorado cultivo.

Esta carta, repito, é o grito lacinante, que o meu coração antes de abysmar-se na desillusão fatal, vos manda, de longe e cheio de esperanças...

Se, echoando nos mais intimos refolhos de vossa alma immaculada, elle conseguir despertar, para o amor o vosso coração indefferente, que eu diviso dormitando socegadamente no collo morno da vossa musa favorita, serei feliz, porque terei conseguido realisar um ideal, que de ha muito venho acariciando.

Ouvi, Camelia Branca, os rógos balbuciados, não pelos labios, mas sim pelo coração amargurado e em palpitar constante, do fervoroso admirador

Forget me not.

Não ha no mundo alegria sem sobresalto; não ha concordia sem dissensão; não ha descanço sem trabalho; não ha riqueza sem mizeria; não ha dignidade sem perigo; finalmente não ha gosto sem desgosto.

Leontina Paiva da Cruz, distincta e intelligente alumna do Collegio Sul Americano

Instantaneos na Avenida

AO ANOITECER

PARA O TALENTOSO JOVEN OCTAVIO SOARES

A tarde ia morrendo... E lentamente,
O sino plange em compassado dobre.
Vôam as aves apressadamente,
Emquanto o peregrino se descobre.

E murmura uma prece reverente,
A' mãe de Deus,—do Deus que nasceu pobre,
E vae andando vagarosamente,
E nas trevas da noite elle se encobre.

E na azulada abobada infinita,
Uma estrella, a, correr, se precipita,
E vai perder-se pela immensidade!

Tudo é silencio e trevas. Morre o dia!
E minh'alma, contricta, balbucia
Essa Oração sentida da Saudade!

Santa Cruz do Escalvado. *Camelia Branca*

Paginas do coração

Eram as horas caladas da noite. Horas em que a natureza inteira, obedecendo á lei inexoravel e universal, entra em repouso.

Eram horas de silencio, horas em que a mente, que não repousa nunca, vagueia pelo espaço infindavel da phantasia, penetra no castello encantado dos sonhos e, como o Prometheu lendario, corporifica e dá vida ás mais risonhas e consoladoras chimeras da existencia.

O luar tinha um brilho singular, uma coruscancia tão intensa que aos fragmentos de granito, emprestava o fulgor das pedras preciosas.

E eu, sosinho, com o coração cheio de saudades, a anciar por uma ventura que não sabia precisar, olhos postos nas estrellas, quedava-me, como o astrologo, a contemplal-as, como que a vêr se decifrava e comprehendia a linguagem de sua luz.

Bruscamente, ao longe, echoaram os sons plangentes de uma flauta apaixonada e de uma guitarra gemedora.

Era uma serenata.

A musica é a unica linguagem do coração!

Falla a todos os espiritos desde os mais cultos aos mais rudes. As vibrações de sua harmonia têm a força evocadora de uma paixão que se extinguiu, e o poder estranho de refortalecer um amor que nasce e cujo fogo inflammeja o nosso coração.

E, como não ser assim, se os proprios irracionaes se extasiam diante della e se, como assevera a lenda mythologica, aos sons da flauta de Orphêo as arvores se desraigavam, as pedras se deslocavam e os rios paravam a correnteza de suas aguas!

*
* *

Querida. A musica por excellencia, para mim, na terra, a mais suggestionadora que a da harpa de David, mais attrahente que o pretendido canto das Sereias — é a musica que dos teus labios echôa quando me fallas!

Falla!... falla, porque a tua voz é um hymno que me arrebata o coração, fazendo amar o céo no amor que consagro a ti!

Rosaes Sadi.

Senhoritas Estephania Castanheiro (de pé), Maria Bruno (sentada), residentes em Lavras

Soror Constancia

A toi, toujour à toi, mon amour!

(COLLABORAÇÃO)

Sobre as lages soturnas do convento em trevas, os joelhos pousados em um escabello adamascado, escapulario branco contrastando com o tom escuro do grosso burel, Soror Constancia óra, a subliminidade transcendente de um supremo extase.

Estheorisa-se pela concavidade da abobada a modulação plangente de um orgam gemendo em surdina.

Um pedaço do céo dir-se-ia para alli transportado e uma santa, de genuflexo, a pedir misericordia para para os peccados da humanidade soffredora.

*
* *

Outros, porem, têm o sepulchro nalma, onde dormem para sempre os sonhos mortos, onde murcharam eternamente as azas azues de suas fanadas illusões. Rezai por alma desses desgraçados, gentis leitoras que me lêdes, e dai-lhes a suprema consolação de vossas preces e de vossa piedade, com o mesmo religioso recolhimento com que nos dobramos á borda de um tumulo em que descança quasi sempre metade de nossa existencia.

*
* *

Odaléa amou com todas as forças do seu espirito e depois de se enraizar em seu intimo esse sentimento puro que divinisa os bons e purifica os máos, depois de embalar o coração em sonhos deliciosos de uma fantasia louca, desfeita ao sopro da chimera, não comprehendendo mais o mundo sem aquelle que passára a ser o alimento espiritual do seu "Eu", aureolado de uma virgindade de vestal, depois de tantos sacrificios, foi por elle esquecida, por elle que lhe dizia sempre ser uma particula desaggregada da infeliz.

Um anno depois, como o seu coração sangrasse ainda, Odaléa morreu para as galas da vida e Soror Constancia appareceu no mundo do soffrimento e da pureza, em um hallo radioso de amor, de bondade e de caridade.

*
* *

Soror Constancia desfia o seu rosario, conta por conta, e pede a Deus perdão para o algoz desalmado do seu coração de virgem.

Divinalmente sonhadora a oração se inflamma, os seios arfam-lhe com um pulsar violento, desapparece a pallidez macilenta de suas faces maceradas de monja, coralisam-se os finissimos labios, trementes da oração proferida, e toda ella transmudada, em uma allucinação diabolica recordando o espectro do passado, surgem nos desvarios do espirito conturbado as delicias todas que gozou com o escolhido do seu coração e os meus olhos contemplativos e curiosos de profano assistem a uma scena de verdadeiro e violento amor.

Soror Constancia abraçada á imagem do Nazareno sorve em seus frios labios de gesso beijos capitosos e desgrenhada, louca em um desvairamento allucinante, aperta-o de encontro

ao seio e exclama: Oh! tenho-te novamente em meus braços! Amo-te como se ama a Deus!

Nesse momento fulgiu como um fogo de santelmo em seu espirito desvairado um relampago de razão e Soror Constancia cáe novamente de joelhos ante a imagem de Jesus e debulhada em lagrimas, esterctora:

— Deus de bondade! Perdão para as fraquezas de uma mulher! Perdão para uma desgraçada! Perdão para o meu maldicto amor!!

Paulino Barbosa.

Senhoritas Magdalena Alevalo e Alice Rezende, residentes em Juiz de Fora, apreciando um numero do "Jornal das Moças"

IDYLLIOS

II

Hontem, reclinada em meu hombro, com esses teus olhos langues e cheios da mais inebriante ternura, falaste-me quasi que em segredo de nossos sonhos de amor.

A lua, do alto, dardejava sobre o teu rosto tão bello a brancura embevecedora de sua luz de prata.

Holstein sem duvida não imaginara em seus quadros uma scena tão impolgante e tão inspiradora como aquelle contacto de nossos rostos, á luz purissima da lua clara, o coração a gorgear occulto, como a ave encantada da poesia do amor e os nossos sonhos volitando atravéz da trama dourada dos soliloquios felizes, murmurados á sombra de nossa alma cheia de fé e de loucos anceios de uma ventura quasi celeste.

De tempos a tempos era aquelle idyllio, silencioso e simultaneamente povoado dos arrebatados rumores das buliçosas visões de nosso enlevo risonho, quebrado pelos teus suspiros tão doces e pelas tuas meias palavras que symbolisavam naquelle instante o longo poema da vida, feito pelo poeta immortal de todos os corações que se estreitam, de todas as almas que se abandonam.

O luar fugia de manso, deixando pelo campo infinito do céo a suavidade da luz tão calma e tão serena como uma "berceuse" acalentadora que o firmamento entoasse para embalar as almas sonhadoras.

Eu te falava tão pouco, cara amiguinha, porque a linguagem dos sons é nada para quem contempla e descobre por entre os enleios de amor a rosa purpurescente que ha de um dia crescer, florir e embalsamar a existencia inteira da quem passa — sonhando.

Numa das vezes puzeste as mãos em meus hombros, accendestes em teus olhos a fagulha deslumbradora da tentação, toucaste os teus labios do mais irradiante sorriso e me encaraste de frente.

E' acreditavel que a propria serpente de que nos dá conta o mytho biblico não imaginara de certo filtro mais poderoso e de mais acção tentadora do que naquella occasião esse teu rosto innundado da mais allucinante e attrahente fascinação, capaz de amodorrar os sentidos, fazer calar todas as suggestões da pureza para só lembrar a loucura em sua mais avassaladora brutalidade, tendo por cumplice a mornidão absorvente do luar.

O poeta — rei do Othello disse: "A causa é esta, pallidas estrellas! a causa é esta!"

E que se poderia dizer daquelle luar que vinha pôr a descoberto todo o feitiço estonteante de que estava revestido todo o teu rosto?

Como poder fugir a teus encantos si a lua vinha intrometter-se em nosso idyllio como que para segredar-nos as ineffaveis palavras dos corações que se entregam no louco abandono do amor?

"A causa é esta, pallidas estrellas! A causa é esta!"

Para que descia aquelle doce amavio do luar desvendando toda a cegueira amorosa que andava pairando pelo teu rosto, apezar do fulgente brilho de teus olhares?

Quando estavas bem fixada em mim, a sorrir sempre, como clara manhã de primavera, balbuciaste quasi que surdamente: — Quando nos casaremos?...

O teu olhar traduzia tanta promessa feliz! Teu riso parecia a flôr primeira que surgisse á entrada de um jardim onde volitassem os genios bemfazejos do amor correspondido.

A chamma que se desprendia de teu rosto tinha o calor vivificante dos cálidos dias da mocidade.

E por sobre tanta idéa de cousas paradisiacas, o soberbo encanto da lua clara, fazendo descer sobre nós a clamyde prateada de sua luz suavissima.

— Casar, para que, minha flor?

Olha: o amor é assim intenso e duradouro emquanto possue azas.

Adeja por sobre os nossos corações, deixa cahir sobre elles a essencia divina da paixão, depois vôa e volta de novo como um carinho que se recusa e que em seguida é satisfeito. Nesse movimento desordenado do amor, nesse incessante bater de azas, ruflando em torno de nossas almas, é que está todo o seu poder.

Ah! cara amiguinha, tu não sabes nem podes talvez comprehender o que seja o amor satisfeito! E' o tédio, são as longas noites de vigilia e de expiação cruciante do peccado de não havermos comprehendido o amor!

O amor sem azas é como um pesadello.

Si tu soubesses, meu coração, quanto pesa o amor, depois que elle se despoja do encantado par d'azas e do carcaz de flechas d'ouro que carrega ao dorso, não falarias em matrimonio!

O matrimonio é o serviço da amisade. O amor afasta de si e repelle como uma cousa impossivel a união eterna dos corpos.

Só a amisade póde conduzir até á velhice, sempre unidos — corpos e almas — dois sêres de sexo differente.

O amor é como a pyra sacrosanta dos templos antigos a cujo serviço destinavam apenas as vestaes.

Lembra-te do conceito de Balzac: — "Que irrisão? O matrimonio tem por symbolo as nevadas flores de laranjeira cujos fructos são amarellos!"

Vamos proseguindo assim, meu coração, vivendo desta phantasia de nosso amor, illudindo-nos reciprocamente e com falazes promessas de um enlace irrealisavel.

Deixa que o travesso menino alado vôe sempre, sem que possamos guardal-o em nosso seio.

Emquanto sentirmos a dôr das chagas abertas pelas suas flechas, estaremos sempre unidos como duas conchas da mesma perola.

Que divina cousa é a illusão!

Fechemos os olhos, minha amiguinha, e deixemos que o empavesado batel dos sonhos singra de manso pelas serenas ondas desse lago azul da phantasia á cuja flôr passa o favonio aromado dos pensamentos dulcissimos de nossa ventura.

Quando chegar então a amizade, abracemo-nos ao doce enlace de nossos destinos.

Ricardo BARBOSA.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Para commemorar o anniversario do petiz Amilcar, filho do 1· tenente Pedro Monteiro, seu tio o academico Dario de Araujo promoveu em sua encantadora vivenda á rua S. Luiz Gonzaga uma soirée dansante que se revestiu de grande animação.

Aos que compareceram foi offerecida uma fina mesa de doces tendo falado nesta occasião o Dr. Horacio Campos que fez uma saudação em verso ao anniversariante.

Entre Mlles., Mmes. e cavalheiros presentes vimos: Eugenia Moraes, Rosalina Garcia, Moraes e Dejannira Pinna representando o "Gremio das Opalinas", a eximia pianista Irene Mayrink, Marietta Gonçalves, Alayde Bouoso, Braulina Ribeiro, Lydia Clara e Nathalina Rocha, almirante Lima, capitão Bouoso, Drs. Lyseppo Garcia e Horacio Campos, Heldebrando Costa, Jorge Azevedo, Francisco S. Mesquita, Luiz Garcia, Ascanio Accioly e muitos outros cujos nomes nos escaparam.

×

Festejando o anniversario natalicio, de seu filho Osiris, o nosso amigo capitão Idibaldo Colombo, reuniu em sua casa, em festa intima, varias familias de suas relações.

Dansou-se animadamente até alta madrugada, tendo todos se retirado encantados da bella noite que haviam passado e do modo fidalgo com que foram acolhidos pelos donos da casa.

Dentre o grande numero de pessoas presentes, notamos:

Senhoritas Zuleika Magalhães, Elvira Maggessi, Sylvia Veturia M. de Souza, Ruth Corimbaba, Leonor Brandão, Thomyris Colombo, Olivia Robtirons, Carmen M. de Souza, Zenobia G. da Costa, Waldomira do Valle, Marietta Paulino e Amazile Corimbaba, pelo «Jornal das Moças», Mmes. Isabel Paulino, Cesar Vieira, Francisco Corimbaba, viuva Maggessi, Estephania Paulino e Antonio Rodrigues; e os Srs. Drs. Henrique Esteves, Guilherme Gonçalves e Mario Moreira; Tenente Tulio Paes Leme, Zacharias de Moura, Dinarte Mello, Vicente Paulino, Salvino Oliveira, Alvaro do Amaral, Raul Côrtes, Albano de Oliveira, Arthur Esteves, Laurindo Paulino e Fidelis de Oliveira.

×

Passou a 26 do mez findo a data natalicia da gentil Mademoiselle Guiomar Goulart (Gui-Gui), filha da viuva D. Anna Goulart; por este motivo foi muito cumprimentada por suas amiguinhas.

×

O dia 16 de Julho marcou a data festiva do 30º anniversario de casamento da Exm.ª Srª. D. Belisaria de Paiva Bentes com o Coronel Manoel Portilho Bentes, prestigioso commandante da Fortaleza de Santa Cruz.

Senhoritas Hylda, Alcides e Odette Cyrino e Marietta Barros, residentes em Juiz de Fóra.

Faz annos amanhã a gentil senhorita Maria da Gloria Alves, um dos ornamentos do bello sexo, da prospera cidade de Parahyba do Sul.

×

Fez annos no dia 24 de Julho o Sr. Antonio de Sá Seiroz, empregado no commercio.

×

No dia 4 de Julho esteve em festa o lar da graciosa senhorita Alzira Terra por ser o dia de seu anniversario natalicio.

×

Faz annos hoje a senhorita Rosinha Steiner filho do Sr. José Steiner, funccionario dos Telegraphos Geraes.

CASAMENTOS

O Sr. Agostinho Santos da Costa contratou casamento com a gentil senhorita Alzira Terra, irmã do Sr. Alcindo Terra, funccionario dos telegraphos.

×

Está contractado o casamento da Mlle. Laura Gomes Lima, talentosa professora, com o Sr. Plinio Alvaro de Souza, corretor nesta praça.

×

Contratou casamento com a gentil senhorita Albertina Moreira de Brito Leal, o Sr. Bernardino da Silva Athayde.

Constituição da mulher

Como productora da humanidade, a mulher é toda amor. A natureza a predispoz de modo que nella tudo concorra para cumprimento da nobre missão que lhe foi reservada.

Os orgãos encarregados das funcções intellectuaes são nella menos desenvolvidos que os destinados á affectividade, sendo que estas ultimas dominam todo o resto: a mulher é um sêr essencialmente destinado a sentir, não sendo preciso descer antes aos mysterios do coração para saber que o amor age nella como um echo, uma reacção.

O cerebro da mulher é menos volumoso que o do homem, sua fronte menos elevada, sua cabeça mais extensa na parte posterior.

Comparando um craneo de mulher com outro de homem, constata-se que, no primeiro, as affeições nelle imprimiram mais fortemente o traço da sua passagem, emquanto que a intelligencia, tem no segundo muito mais desenvolvido o seu ambito e mais elevada a parte frontal.

O homem é dotado de uma constituição secca e quente, o tecido cellular é muito menos abundante do que na mulher; as partes solidas são em muito maiores proporções no homem que as partes liquidas, de modo que os seus orgãos possuem assim uma rigidez, uma firmeza, uma resistencia que se oppõem energicamente a essas commoções, a essas ondulações nervosas que percorrem o organismo da mulher.

Nesta os ossos são pequenos, pouco resistentes, os nervos excessivamente desligados, nadando em pleno seio do elemento humido, dominando todo o seu sêr. Sua pelle, de uma delgadura extraordinaria, é desprovida de pellos que embotam a sensibilidade.

E' essa delicadeza, essa tenuidade, essa humidade dos tecidos e dos orgãos que dão á mulher essa flexibilidade, essa mollesa encantadora de movimentos, essa graça, esse donaire de que é dotada.

O movimento da mulher faz lembrar na *pose* graciosa, o vôo onduloso dos mais ligeiros habitantes dos ares.

Essa organisação tão fragil, tão movel, é inteiramente vibratil: dir-se-ia a harpa suspensa que resôa, freme e vibra quando é tocada mesmo de leve; é como o insecto que aflora a aza quando a briza o acaricia, ao passar.

No homem, a sensação é limitada pela resistencia organica e tambem pela vontade que mantem todo o seu imperio no systema nervoso.

Na mulher, a sensação é como scentelha electrica; invade, sulca a organisação que a domina e subjuga inteiramente.

O systema nervoso é tão movel, tão impressionavel, que o menor contacto é bastante para fazel-o vibrar.

A fraqueza natural da mulher, a delicadeza de sua organisação, a approximando essencialmente da infancia, mãe e filho vivem por assim dizer em unisonancia.

Ambos fracos, impressionaveis, mutaveis; ambos com necessidade de apoio, de protecção e, principalmente, de carinhos e de amor, vivem, nesse sentido, entre si, numa continua troca quasi magnetica, que os confunde e os faz viver coração em coração.

A mulher não foi feita absolutamente para os trabalhos ousados, para as grandes emprezas, para as altas concepções intellectuaes.

Tudo isto ella sente instinctivamente e vive meticulosamente retirada em si mesma, gosando sua existencia toda intima, todas as venturas do amor.

Ella sente, ella ama, eis tudo.

Sylvio

Escola Normal de Leopoldina—Alumnas do 2.º e do 3.º anno

Ganhar sem trabalhar...

Um empreiteiro estava construindo uma casa. Um dia, passando por diante de um canteiro, viu ao lado um pedreiro que, de mãos nos bolsos, saboreava um cigarro.

—Diga-me cá, parece que o amigo desconhece o proverbio...

— Que proverbio? inquiriu o operario sem se mover.

—O que affirma que tempo é dinheiro. Ha dez minutos que o observo. Se é assim que trabalha!... Parece que o amigo crê que eu estou aqui só para lhe pagar o trabalho de consumir cigarros sobre cigarros!

—Mas, senhor... —Basta. Eu lhe devo cinco dias a seis mil réis. Eis aqui trinta mil réis; faça o favor de ir fumar os seus cigarros lá para as Avenidas.

O pedreiro metteu o dinheiro no bolso e afastou-se.

O empreiteiro, dando pouco depois com o contra-mestre, censurou-lhe a pouca vigilancia que tinha com os operarios.

—Perdão, senhor, respondeu o contra-mestre, mas de que operario quereis falar?

Daquelle que estava ha pouco aqui a fumar.

—Mas esse não fazia parte do nosso pessoal. Entrara ha pouco aqui para ver si se precisava do seu serviço.

Quem são os ricos neste mundo? Os que teem muito? Não; porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre.

NO DERBY-CLUB

LAGRIMA

A' "OCTACY . . ."

Lagrima !... Diamante luminoso que se desprende fugitivo do aureo ergastulo das almas!

... Ponto de exclamação collocado no primeiro dia de existencia e ponto final dos derradeiros instantes!...

... Gotta de luz, oriunda do caudal immensuravel das dôres e que vêm aflorar lentamente aos nossos olhos...

... Chamma radiante de luz, que se accende no olhar do innocentinho, illuminando um berço e bruxuleando derradeira no leito do ancião que se encaminha para as trevas insondaveis de Além-tumulo.

... Poema enternecedor do amor materno e historia perenne da Saudade e do arrependimento!...

... Mysterio, desejado e comprehendido apenas, pelos que soffrem!...

... Companheira fiel das noites de insomnia; irmã d'aquelles que alimentam um Ideal e não conseguem transformal-o em Realidade.

... Estrella mystica de ventura que irradia ao desabrochar de um sorriso e flôr da Magoa, que fenece ao percutir de um gemido!

... Desmembrar quotidiano de um coração que ama e não sabe fazer-se comprehender.

....

....

Oh! lagrima!... Tu és a Esphinge que domina a arida planicie de Existencia e cujos hieroglyphos jamais poderemos decifrar!...

João Avila da Costa Sobrinho.

Canções Chilenas

A' margem do rio

Como as aguas deste rio
Que o oceano vão buscando,
Vão as horas resvalando
De meu cançado viver.
Deslisando-se entre pedras
Vão gemendo sem cuidado.
Eu tambem vou descuidado,
Ai! tambem vou a gemer!

Por seu dorso cambiante,
Que varia entre mil cores,
Vão mil folhas e mil flores
Constantemente a rolar.
De meu viver na corrente,
Muitas flores hão cahido,
Mas todas se têm perdido
No abysmo de meu pezar.

Os torcicollos das ondas
Vão formando branca espuma
Que se esvae em leve bruma
Que se perde em seu vai-vem.
Assim foram meus pezares,
Visões de minha ventura,
Que, aos vagalhões da amargura,
Se desfizeram tambem.

Quando venho aqui á margem
E vejo a branca corrente,
A comparo tristemente
Ao futuro que hei de ter;
Pois assim como estas aguas
Para o mar vão deslisando,
Vão-se as horas escoando
De meu cançado viver.

R. B.

No dia 5 do corrente realisar-se-á no salão do *Jornal do Commercio* um bello concerto organisado pela distincta pianista patricia Mme. Alzira Mariath, em beneficio de sua veneranda progenitora.

Nesse festival tomarão parte diversos musicistas conhecidos.

Apollo — O ultimo numero do *Apollo*, revista de Arte de Carlos Maul e Vieira da Cunha está magnifico. Além da collaboração de escriptores consagrados traz uma linda polycromia extratexto.

Apollo é hoje a revista preferida por todas as pessoas de bom gosto.

Não se diz tanto mal de nós quanto poderiamos dizer de nós mesmos. Nossos inimigos não conhecem senão as nossas más acções, ao passo que nós guardamos em segredo os nossos maus pensamentos.

INSTANTANEOS NA AVENIDA

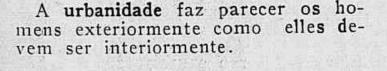
A vida do poeta

Hoje, um hymno de esperança,
Amanhã, um ai! de dôr.
E' borrasca sem bonança
Avida do trovador.

Canta! ao longe, o céo murmura;
Chora! perto, se ouve a dôr...
E sem encontrar ventura,
Canta e chora só de amôr.

Ah! quanto é penosa a palma
Que conquista o trovador:
Canta, quando lhe chora alma!
Canta, si morre de amôr!

R. B.

A **urbanidade** faz parecer os homens exteriormente como elles devem ser interiormente.

No dia seguinte ao casamento:

— Dize-me, Bernardino da minha alma, que farias tu si eu morresse?

— Ora, que havia de fazer, meu anjo? Enterrava-te!

A calumnia é a escabrosidade variolosa das almas vis. Quando a verdade surge com todas as suas irradiações flammejantes o monstro — a calumnia — desapparece, mas nos deixa sempre e infelizmente o vacuo onde esteve infeccionando — a lembrança.

João Du-Bosck.

MODAS E MODOS

AS "toilettes" actuaes são muito mais elegantes do que as anteriores. O triumpho é completo para as tunicas franzidas em pregas ou "machos".

As pregueadas são muito mais vistosas que as franzidas e são as preferidas pelas favoritas da moda, pois que têm a vantagem de alongar a silhuêta sem a engrossar. Para maior realce, das saias uzam-se cintos de diversas fórmas, largos ou estreitos, lizos, pregueados ou franzidos uns prolongam-se abaixo dos quadris de uma maneira graciosa sem apertar demasiado a cintura, outros, porém, são apenas feitos de trança de phantasia.

Os cintos largos feitos de taffetá descem em pregas. As saias duplas ou com tunica se uzam muito com os casacos curtos (costumes tailleurs) e as saias plissadas são mais preferidas para as visitas de cerimonia.

Estão tambem em grande moda as saias de renda, crépe da China, ou voile, usadas com blusas bastante compridas, em setim liberty, linon e outros tecidos brilhantes. Com as saias em xadrez, escossez ou listas largas estão em moda as blusas de seda branca.

Elegante e graciosa toilette para passeio confeccionada em mousseline floristada, saia liza, golla virada, gravata de seda preta.

Costume para sahida, em cachemira ou sarja escura

Vestido para passeio em taffetá listado, cinto de setim preto preguegado, golla alta.

As blusas soffreram importante modificação em sentido opposto ás saias: augmentaram-se a amplitude das saias e diminuiram-se nas blusas, que são apertadas e fazem-se bastante compridas e justas; os tufos foram banidos por completo. As gollas mais usadas são as de ponta muito aguçadas; as Medices são as mais vistosas, e se fazem de tulle, organdi, linon ou mesmo de renda. As blusas bordadas a «soutache» e em renda estão muito em moda. Sobre as guarnições empregam-se muito as trancinhas de sêda artificial e galões bordados e botões. Continuam a ser empregados com successo nas toilletes de passeio o taffetá de riscas, o crepon de lã e algodão e a sarja para os costumes de manhã.

Blusas elegantes, ultimas creações de Paris.

Tres encantadoras toilettes, reunindo em gracioso conjunto as ultimas innovações da Moda.

CHAPEOS MODERNOS

Mlle. Yvonne, no numero anterior desta revista occupou-se demoradamente dos novos modelos de chapeos que estão apparecendo, e fez, com o custumado encanto do seu estylo alguns commentarios relativos a tão importante assumpto. Como complemento ás suas bem ponderadas considerações julgamos muito opportuno a apresentação aqui dos mais modernos typos de chapéos imaginados, ultimamente, pelos especialistas de Paris e Londres por onde se evidencia a volta dos chapéos medianos, provalvelmente servindo de transição aos grandes chapéos em substituição desses desgraciosos toucados e gorros cuja duração felizmente foi passageira.

Os chapéos *marquesinos* estão tambem um tanto na moda, assim como os de cópa redonda e aba estreita e os *canotiérs*. O que se nota, seja qual fôr a forma do chapéo é uma grande sobriedade nos adornos e enfeitos. Agora, depois destas ligeiras notas, a amavel leitora tem apenas a difficuldade de escolher o modelo que lhe parecer mais conveniente, si não for muito difficil de contentar...

A MODA INFANTIL

—

Dois *manteaux* de lã muito proprios para a estação.

Dois vestidos para meninas de dez a doze annos; o 1º confeccionado em drap azul marinho, collarinho de linho branco, cinto e gravata de xadrez; o 2º em tecido de lã quadriculada, genero escossez, cinto e suspensorios de uma só côr, camiseta de *voile* branco, e finalmente um gracioso vestidinho de crepon, com guarnições de entremeio *guipure*.

Quatro costumes para meninos, feitos em tecido de lã, sarja ou flanella.

Torneio Charadistico

1º. torneio — Soluções dos problemas publicados nos ns. 26 e 27 : *Deolinda, Amorosa, Albacora, Fedéa, Aralia, Parabola, Saturno, Vesper, Coração, Mentirosa, Decalogo, Ebrio, Jornal das Moças, Floresta, Cascata* e *Lucio*.

Decifradoras com 17 pontos: Colibry, Chrysanthéme d'Or e Roitelet; decifradoras com 16 pontos: Ailez, Cecilia Netto Teixeira, Farfalla Azzurra, Garota Nonicia, Junulino, Mercês e Zilda; decifradoras com 15 pontos: Antonietta Mandarino e Melpomenes; decifradoras com 12 pontos: Myosotis e Verda Atelo; Pasquinha, 10 pontos.

Problemas ns. 26 a 30

Charadas syncopadas

Calçou de cascalho o logar onde reside — 3-2.

Roitelet.

O rapaz brejeiro brinca com o animal—3-2.

Mar Dag.

A mestra Colibry

O Paiz tem sentinella — 5-2.

Cecilia Netto Teixeira.

Deus está no templo — 3-2.

Menina de Chocolate.

Neste rio ha um animal inimigo da cobra—3-2.

Junulino.

Problemas ns. 31 a 38

Charadas novissimas

Procura que em breve encontrarás um livro—2-2.
Foi homem eminente—1-2.

Verda Stelo.

O elemento do toque de caixa é o mesmo que zanga ligeira —1-2.

Antonietta Mandarino.

Dez vezes cem ouve-se na musica do poeta—1-1.

Pasquinha.

Da policia privada eu achava graça quando estava na repartição—3-2.

Iona.

Quem lê de dia poesia é muito distincto—1-2.

Mercês.

Estudei quando ella estudava com esta mulher—1-2

Farfalla Azzurra.

O numero sendo bom, contraria—1-2.

Singella.

Problema n. 39

Charada em anagramma

5-4—Um homem pelo simples facto de ser redactor, deixa de usar perfume e é forçado a não comer fructo.

Garota Nonicia.

Problema n. 40

Charada invertida por lettras

Minha parenta está no céo—5.

Zilda.

AVISO

A ultima charada publicada no nº. passado tem 2 e 1 syllabas.

A apuração do primeiro torneio será publicada no proximo numero.

Correspondencia. — *Roitelet* —Recebemos e attendido.

Ronoel — Penhoradissimos ficamos. Retribuimos.

Mercês, Pasquinha, Colibry, Verda Stelo, Ailez, Farfalla Azzurra, Melpomenes, Junulino, Zilda, Garota, Nonicia, e *Chrysanthéme d'Or.* — Recebemos.

Cecilia Netto Teixeira — Agradecemos o retrato que nos enviou.

Desejamos obter o seu retrato actual e não o de tres annos passados, deve estar muito mudada, entretanto, se lhe agrada a publicação d'aquelle retrato, com prazer attenderemos a V. Ex.

Farfalla Azzurra — Chegou a tempo.

O vosso retrato será publicado. Somos gratos á tão distincta collega.

Mlle. Alzira — Inscripta. E' favor enviar-nos as soluções dos trabalhos.

Menina de Chocolate — Andamos todos ás tontas e a ouvir as vossas gargalhadas em todos os cantos. Encontramos os nossos papeis e objectos remexidos sobre as mesas, depois que entrastes em nossa redacção.

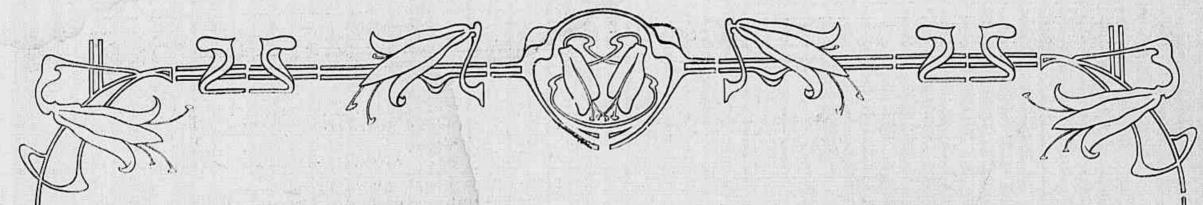
Mas... foi bem recebida.

Euterpe — Jupiter muito se agrada com a vossa chegada. Já são duas as musas que entraram no nosso parnaso. Que saudades temos das outras!...

Mlle. X. E' preciso inscrever-vos.

Orama.

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
1—8—915

AO CORAÇÃO

Coração . . . Coração . . . no carcere maldito
Vives a soluçar immerso em solidão,
Não conheces o azul, não cortaste o infinito,
Soluças algemado a sós numa prisão.

Porque não foges como uma ave á azul região,
Não buscas conhecer o Mundo, o Céo... precito
Deixa este calabouço, a tua escravidão,
E, vôa e vôa sempre. O mundo é tão bonito !

E o Coração soluça e tremulo murmura:
— Voar, cortar o azul, que me importa? a ventura
Quizera um dia ter de uma enorme paixão.

E seguir sempre o meu, embora negro, fado,
E mesmo padecendo e mesmo escravisado,
Viver em outro peito e noutro coração ! . . .

Hugo Motta.

SONETO

Quando em noites de lua, á sós, cantando,
Entre os perfumes dos rosaes do prado,
Junto vagamos, como terno bando
De rouxinoes no espaço illimitado . . .

De ventura e de amor meu peito arfando,
Julgo-me em pleno céo, de um anjo ao lado,
Gozando o affago carinhoso e brando
Que a todo o justo em recompensa é dado . . .

Pois nessas noites em que o amor se agita,
Na rosea face de gentil deidade
Tens de uma santa a encarnação bendita...

E o riso que em teus labios baila, em onda,
Tem a immortal e ingenua suavidade
Do celebrado riso de Gioconda !

Lucio Lima.

ANTE O CRUCIFICADO

A Raul Valentim de Figueiró

Pensando em ti, ó Martir do Calvario,
Brotam-me aos olhos lagrimas ardentes . . .
— Não fôste simplesmente um visionario
Como querem as boccas maldizentes . . .

Aos fracos, aos mendigos e indigentes
Do teu amor abriste o santo erario . . .
— Perdôa-me se á musa dos descrentes
Fui descrente tambem, no meu desvario . . .

Dos caprichos da carne miseravel
Sempre zombou teu coração robusto.
— E porque fôste recto e inquebrantavel,

Nunca enlameaste o pensamento augusto,
Assim me dás exemplo insophismavel
Sobre que fôste sabio, santo e justo.

Pedro Borges da Fonseca.

ALVORADA

Para o caro amigo A. Pereira

— Fonte de luz: o véo ennegrecido
Dilue-se e o firmamento azul descose . . .
O Sol, dezenha um doce colorido
Que augmenta de explendor de dose em dose.

Ha nos bosques um mágico alarido
Applaudindo essa explendida apotheose . . .
O Dia, immensamente commovido
A noite vem render — metamorphose !

Tudo desperta ao seu olhar festivo:
Nos ares ruflam azas multicores,
Num louco frenesi indescriptivo.

A viração soluça e brandamente
Espalha o aroma cálido das flôres
Por toda immensidade do ambiente !

Armando Verçosa.

NOITE DE INVERNO

A' illustre poetisa Leonor Posada

Noite de inverno, tenebrosa, fria,
Noite de angustia e de soffrimento . . .
Eu sinto que me vae tardando o dia
E morta a inspiração do meu talento.

Como eu vejo esgotar meu pensamento
Nesta noite infeliz, de nostalgia!
A luz que se ausentou do firmamento
Levou comsigo a flôr da phantasia ! . . .

E' finda para mim toda a ventura
De libertar-me desta sorte ingrata,
Desta vida cruél, tetrica, escura.

Oh ! sorte injusta que me fere e mata !
— O soffrimento eu amo com ternura,
E amo a propria dôr que me maltrata.

Mattos Gomes.

SACRILEGIO

Aquella rosa, que hontem, no teu seio,
Das rendas caras prisioneira estava,
No silencio das petalas chorava,
Num doloroso e lacerante anceio.

E dizia, gemendo: "Ah ! como odeio
Esta rival que me tornou escrava
Dos seus caprichos de mulher ! " Clamava
Contra o destino de impiedade cheio.

Eu, que entendo a linguagem dessas flores
Que em todo o mundo têm adoradores,
Tive pena da escrava desditosa.

E, fitando teu porte lindo e régio,
Em pensamento disse: E' um sacrilegio,
Uma rosa captiva de outra rosa !

Valença, E. do Rio.

Hermano Brunner.

A SAUDADE

Durante uma calma tarde de verão, passeava sosinho pelas montanhas que circumdam a cidadezinha de Alfenas, um dos pontos mais pittorescos da formosa região do sul de Minas, quando ao galgar uma pequena crista pedregosa e nua, descobri uma velinha, que contemplava embevecida o sol, que se ia escondendo pouco a pouco por detraz da linha acinzentada das montanhas que limitavam ao longe o horizonte.

Dominado por um sentimento inexplicavel de sympathia, acerquei-me della; e depois de a ter cumprimentado respeitosamente, comecei tambem a admirar o panorama verdadeiramente magnifico, d'aquelle agonisar lento de tarde de verão.

Depois de me observar por algum tempo, a velhina disse-me:

— «Tens a alma grande, meu filho, apezar de seres ainda muito moço, leio em teu olhar, as lutas por que já passaste, através das tempestades da vida; e é o motivo que me leva a te contar a minha triste historia.»

E a velhinha, depois de tossir ligeiramente e ageitar na cabeça, com a mão tremula o lenço preto que a envolvia, começou:

Era no tempo da guerra do Paraguay...

Nessa época, meu filho, era eu joven e bella, meu pobre coração transbordava ainda de illusões.

Um dia, em uma festa, encontrei um rapagão moreno e robusto, de cabellos annelados e olhar doce, filho de um fazendeiro dos arredores.

Senhorita Julitta Alice Magalhães
nossa constante leitora

Eu nunca havia amado, mas... esse joven que se chamava Paulo roubou-me o coração. Elle correspondeu ao meu amor com lealdade.

Os dias corriam felizes e o nosso casamento já estava marcado para a primavera proxima—»

Neste ponto, a velhinha opprimia o peito com as mãos, como se sentisse uma dôr immensa; depois continuou:

«Sim, meu filho... o dia já estava marcado, porém... uma noite, espalhou-se pela cidade uma nova sinistra, as nossas armas haviam soffrido um enorme desastre em um ataque contra as formidaveis linhas de Tuyty.

A mortandade fôra horrivel!... a cidade cobriu-se de luto.

No outro dia, era ainda bem cêdo quando me bateram á porta; fui abril-a, que vejo?

Paulo, o meu noivo, fardado de voluntario! Fiquei sem acção, elle tambem olhava-me silencioso; por fim falou:

«Adeus Maria. Talvez volte, mas a honra da Patria exige o meu sangue, é preciso que eu parta.

Como, varada de dôr, não pudesse siquer articular uma palavra, beijou-me na fronte e saiu bruscamente.

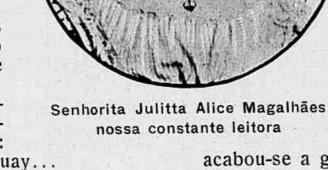
O golpe foi muito forte.

Por muitos dias ardi em febre e delirei...

Ainda sinto queimar-me a fronte o seu beijo ardente de despedida!

Passaram-se os mezes, depois os annos, acabou-se a guerra e nunca mais... nunca mais tive noticias de Paulo!

Esqueceu-se de mim? Morreu? Não sei... E a voz perdeu-se-lhe na garganta soffocada pelos soluços.

Contristado contemplei por ulgum tempo a casaria branca da cidade, que lá, ao longe, no fundo verde escuro do valle,

ROSAS

Segundo uma lenda antiga,
Maria com São José,
Fugindo á gente inimiga
Transpoz caminhos a pé;

E, á proporção que Maria
Deixava o rastro no chão,
Todo o caminho floria
De rosas em profusão.

Pelos trilhos e barrancas
Das estradas viu-se em breve
O estendal de rosas brancas
Tudo enfeitando de neve.

De um branco suave e doce
As rosas. Nenhuma havia
Pela terra que não fosse
Da côr dos pés de Maria.

Mais tarde, tempos volvidos
Ao peso de immensa cruz,
Pelos caminhos floridos
Um homem passa: Jesus.

E sobre o estendal de flores,
De seu corpo o sangue vae
Cahindo; e Elle, entre mil dores
Não geme, não solta um ai.

Passou: e pelas barrancas,
Sob as azas das abelhas,
Dos tufos das rosas brancas
Brotam rosas vermelhas.

Só duas cores havia
De rosas, que aqui registo:
A côr dos pés de Maria
E a côr das chagas de Christo.

Belmiro Braga.

Senhorita Mariinha de Queiroz Falcão
residente no Ceará

VERÃO

Anceio pelo verão. Vivo nostalgica daquelles dias quentes e brilhantes, daquellas noites que perfumam tanto! O inverno magôa, é triste e doloroso, desalentador, nos seus dias sem sol, nas suas noites que principiam tão cedo. Traz sensações de frio moral tambem quando se vive só sem um aconchego no coração vasio e tristezas sem fim com o seu ar gelado que vem soprado pela ventania, não sei de onde.

E então, estendemos os braços, como uma creança que busca um appoio sensivel, ao verão que traz comsigo o calor, isto é, a vida, a vida physica e a moral que se alimenta pela sensação da vista, do olphato, do gosto, do tacto.

As flores! O sol! Os fructos! Os dias que parecem nunca mais se acabar, e que se acabam nas palpitações quentes de um sol que a custo desapparece lá por traz das bellas montanhas azuladas.

As noites que parecem dizer-nos: Não! Não durmas! Vem cá fóra ou fica á tua janella até tarde. E' um crime cerrar as palpebras diante de tanto explendor.

E, apezar de só, e talvez justamente por viver só, adoro o verão, anceio por elle, como o sedento por um copo com agua fresca., morta de sede na estação calmosa.

Margarida.

pouco a pouco se ia apagando no lusco-fusco da tarde que morria. Subito, o sino de uma ermida proxima tangeu ; e lacrimosamente pela calada da noite que chegava difundiram-se uma a uma as notas sentidas da Ave Maria. E a velhinha tomando entre as suas mãos geladas as minhas que ardiam de commoção, disse-me baixinho:

«Sabe, meu filho, o que me tem feito viver até hoje, depois de tão cruel prova, é este sentimento indiscriptivel de dôr e prazer de esperança e descrença que se denomina —Saudade.

Senna Madureira.

CHAPÉOS FEMININOS

Um escriptor affirmou que o primeiro chapéo foi um barrete de pelle. Se o habitante das cavernas preservava o corpo dos rigores do frio com o auxilio da pelle dos animaes, a sua cabeça era coberta por uma especie de touca, destinada a evitar os resfriamentos. As mulheres dotadas de opulenta cabelleira, traziam véos desde a mais remota antiguidade.

Os Persas tinham a mitra ; outros povos usavam a tiara. E' certo que os Gregos se utilizavam de chapéos de palha e de feltro; os phrygios se serviam do barrete que orna as cabeças das Republicanas. Baixos relevos mostram Alexandre o Grande com um vasto feltro de largas azas.

A origem do chapéo feminino foi o capuz que acompanhava a capa e cobria a cabeça. Era de velludo ou de feltro e prendia-se, sob o manto, por meio de um cordel. Mas, cada vez que a mulher procura modificar um objecto da sua propria ornamentação, logo o aformoseia mediante fitas plumas ou joias. E o chapeo tem adquirido, no correr dos tempos, as fórmas mais diversas, com a manifesta tendendia a se tornar cada vez mais gracioso, quando não seja mais pratico ou mais commodo. A Pariziense de 1915 não achou, seguramente, o typo mais elegante nem mais bello. Outros modelos virão, mais agradaveis á vista e de uma forma mais aprazivel. A industria da chapelaria para homens e mulheres occupa um lugar importante na historia das corporações.

Senhorita Waldmira Xavier

A fabricação dos chapéos femininos é uma industria essencialmente pariziense; com uma forma de diminuto valor, algumas fitas, uma flor, uma penna, a modista Pariziense faz um chapèo, que é vendido a seis francos ou a quinze luizes, conforme a rua em que está situada a loja ou segundo a fama já adquirida pela casa.

Na época de Luiz XVI, as Parizienses, usaram, verdadeiramente, os primeiros chapeos. Em 1784, viera da Italia a moda dos chapéos de palha. As burguezas não quizeram mais trazer o «bonnet».

Os jornaes de modas do tempo nos conservavam o desenho dos chapéos Luiz XVI, que se assemelhavam muito, quanto á forma e ás dimensões, aos que foram usados em 1911. Eram, ora, um tubo perdido em ondas de rendas ; ora, um funil com fitas e coberto de penachos. Os chapéos de seda succederam aos de palha da Italia.

Do primeiro Imperio á Republica actual as modistas cada anno põem em circulação um modelo novo, uma combinação, ora diminuta, ora gigantesca, de fitas plumas e rendas.

Na época de Napoleão III, os chapéos se reduziram a minusculas «galettes», ornadas de rendas leves.

ALMA DE POETA

A noite desce, — frio manto
de suavidade, nostalgica
e desalento.
O doce luar saudoso e santo
surge alvacento.

E lentamente, lentamente,
põe pelo campo uns tons de prata
e de tristeza.
Abre-se o calice fulgente
de um astro e de outro, uma cascata
vertendo de ouro e de belleza.

Quanta quietude
em tudo! Em tudo a alma do somno
anda vagando. E' um ataúde
cheio de magoa e de abandono,
a brisa mansa
das velhas arvores na frança.

. . . .

A lua errante, alva, dolente
e vaporosa,
que já do zenith se abeira,
assim tão pallida e silente,
parece a face de uma freira
tuberculosa.

Hora solemne. Vão deixando
o velho tumulo sombrio
as almas, n'um sinistro bando,
que, pelos campos, erradio,
vaga mudando-se em lamentos
agonisantes.

São almas d'esses que, na vida,
crêram na jura fementida,
que das mulheres mais formosas,
lindas rosas
venenosas,
o labio ardente proferia...
Almas que vivem de agonia
sempre replectas.
Almas de poetas.

Hermano BRUNNER.

Mlle. Magdalena Aguiar, filha do dr. Raymundo Oreste d'Aguiar.

AVISO

Para evitar abusos de explorações avisamos aos nossos amigos e especialmente ao commercio que o **Jornal das Moças** não tem agentes viajantes e que os annuncios não são cobrados adiantadamente.

Os editores.

Não ha despota mais feroz que a fantasia. Quando ella é mais forte do que a vontade, não ha outro remedio senão capitular com a consciencia. A tentação e o soffrimento, diz Victor Hugo, são mais poderosos do que a virtude.

Um sujeito vai se confessar, para casar. Pergunta-lhe o padre:

— Conhece os mysterios da sagrada paixão e morte?

— Não, senhor.

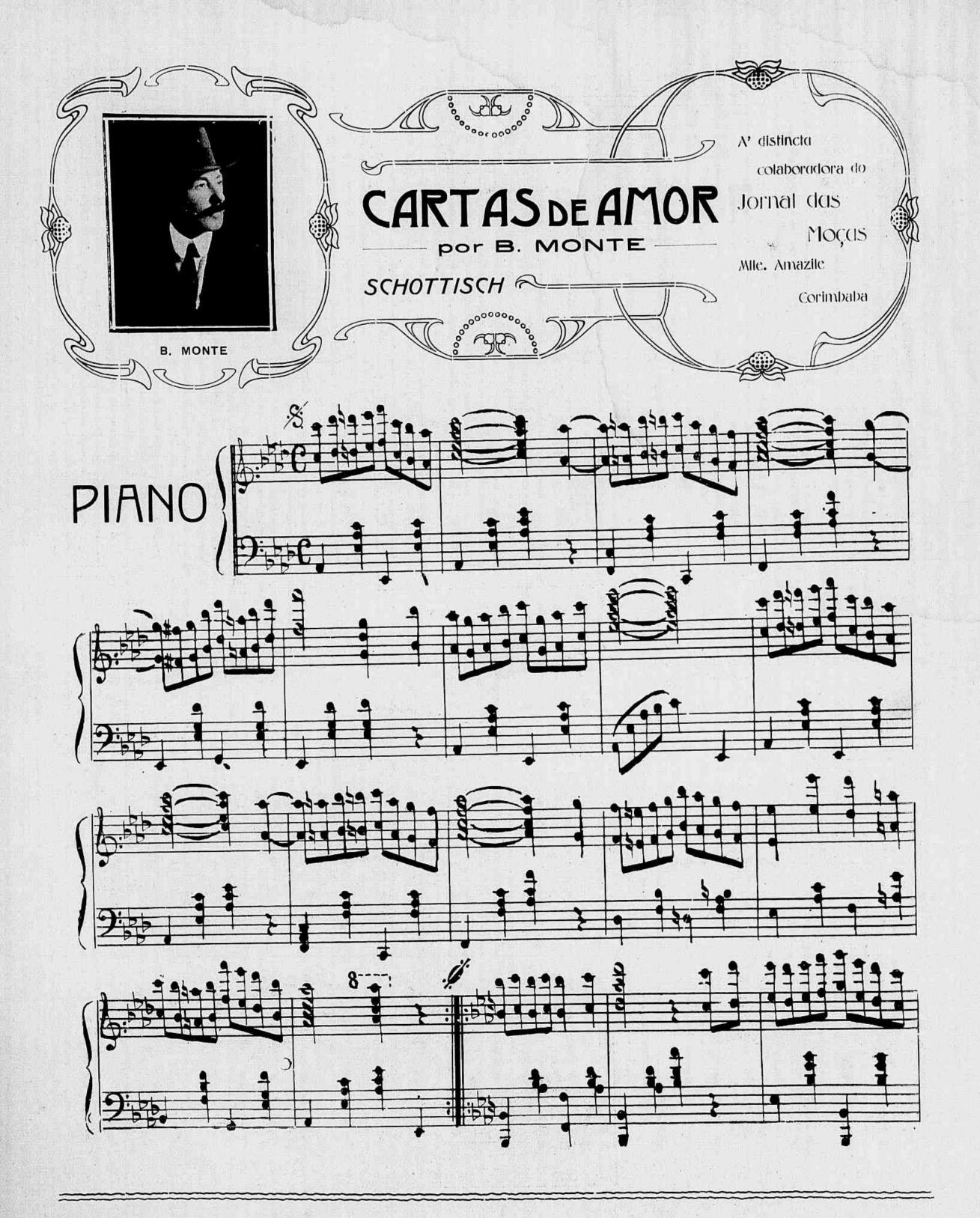
— Ora esta! Uma coisa que todo mundo sabe!

— E é a isto que V. Rma. chama de **mysterios?!** exclama o penitente, ás gargalhadas.

O **caminho** da verdade é unico e simples: e o da falsidade vario e infinito.

No confissionario:

— Accuso-me, padre, de gostar muito, mas muito, que me chamem bonita. Será isso um peccado?

— Certamente, minha filha. Não se deve gostar muito da mentira.

B. MONTE

CARTAS DE AMOR

por B. MONTE

SCHOTTISCH

A' distincta colaboradora do Jornal das Moças Mlle. Amazile Corimbaba

PIANO

SARAU DA MODA

C. de Carvalho—*Maria Luiza* (valsa Boston . . . 1$000
Constantino Filho—*Baiser du femme* (schottisch) 1$000
Christo—*Traduzindo amôres,* (schottisch) . . . . 1$000
Cosntantino Filho — *Enguiçou,* (polka) . . . . . 1$000

Bulhões—*Sapéca* (polka) . . . . 1$000
Louro—*Muleque Vagabundo* (tango) . . . . 1$500
J. Silva—*Veruta y Chicharron,* (tango argentino) . 1$000
L. Corrêa—*Capanga* (one-step) . . . . 1$000

CREPUSCULOS

Crepusculo de amôr, sonho agonizante em espasmos de magua...

Harpas quebradas gemendo nos solitarios alcantis, perdidos em roxas nevoas.

Crepusculo de amôr, sombra que enlucta a apotheose das côres, cala a fonte soluçante, tolhe as petalas das phalenas, estanca o pranto de lagrimas azues da noite.

Extrema-uncção que o crepusculo da illusão ainda vem trazer ao coração, como adeus ao sonho feito de tintos lyrios côr de rosa, a enlanguescerem-se em vaso alabastrino.

Crepusculo do coração, silencio perfumado no incenso da saudade que o percorre, exhumando flôres mal sepultas no tumulo do esquecimento.

Crepusculo de sonhos d'ouro do amôr, poema da Tristeza meditado nas dolorosas paginas do evangelho sombrio da Magua que se folhea dentro da alma.

Echos sentidos, suspiros de amôr desfeito que trazem as murmurações do canto lugubre do crepusculo da esperança a diluir-se nas meias tintas amarellecidas nos accasos do outomno da illusão, estação dos sonhos mortos tombados nas negras gazes da descrença que envolve a alma.

Crepusculo da esperança, poema da saudade a extinguir as azuladas chammas da lyra da descrença onde se queimavam em douradas caçoilas os perfumes deliciosos do amôr, que o coração encerrava em aromatisadas corollas de macias flôres.

Harmonias suavissimas repassadas de infinita belleza que suspiravam nos lyricos desvaneios do coração apaixonado, docemente encantado, emballado no sublime idyllio do mar verde e á branca lua.

Crepusculo da illusão, capella de flôres roxas onde se entoam canticos cadenciados pelo rythmo da Dôr, agonisam, sonhos, choram corações, pela nave erram sombras lilazes, espectros de Magua.

D'alma o sonho de amôr é fugaz illusão que a vida tece na alva da mocidade de doce despertar.

Sonho morto, triste crepusculo feito de saudades!

Aïda Ramos

Rio, Junho — 1915.

A graciosa Celnia, intelligente amadora theatral, filha do Sr. Manoel Antonio Moreira, negociante em Nictheroy.

NOTAS THEATRAES

No Pathé teve grande realce a manifestação feita, no dia 17, á distincta actriz Lucilia Peres, pelos alumnos da Escola Dramatica Municipal. Foi uma prova publica inequivoca de grande admiração á distincta artista.

Os frequentadores do elegante theatrinho da Avenida, adheriram de bom grado, a esse movimento de sympathia, prodigalisando os mais enthusiasticos applausos a Lucilia Peres, a querida estrella do publico carioca.

Representou-se o *Leque* em que Lucilia Peres e Leopoldo Fróes occupam as primeiras posições.

* * *

A companhia franceza, dirigida pelo actor Felix Huguenet, terminada a sua temporada no Municipal, partiu no dia 18 para S. Paulo.

* * *

O *Trianon* todas as segundas-feiras muda o seu programma e á cada mudança corresponde um novo sucesso.

A linda e ingraçadissima comedia de Max e Alex. Fischer, *Entre dois Amores*, traducção de Ruy de Lara, agradou extraordinariamente, sendo talvez a mais interessante das comedias que têm sido levadas á scena nesse theatro.

Emma de Souza, cujas habilidades de artista talentosa vão se accentuando cada vez mais, Corina Silva, Christiano Souza e Augusto Campos merecem os mais francos elogios pelo bom desempenho dos seus papeis.

A actriz Herminia Adelaide foi contratada para trabalhar neste theatro.

Vê-se patente, o grande empenho dos emprezarios do *Trianon*, em agradar o publico selecto, *habitué* dos seus espectaculos.

Em compensação pode-se dizer sem exagero que o *Trianon* é o theatro da moda, a casa de diversão preferida pela élite desta capital, onde gosa, num ambiente confortavel, algumas horas agradaveis ao espirito e ao bom gosto.

Maximas de Franklin

Franklin tinha por norma de seu procedimento as treze maximas seguintes ; e é vulgarmente sabido que este philosopho foi um dos homens mais celebre por suas virtudes.

Temperança. — Em occasião nenhuma comas por tal modo que chegues a sentir-te incommodado ; nem bebas a ponto de perder a razão.

Silencio. — Não fales senão em materias de que possas tu ou possam os outros colher utilidade ; evita quanto poderes as conversações frivolas.

Ordem. — Dá a cada cousa logar certo ; a cada negocio tempo determinado.

Resolução. — Quando tomares resolução á cerca de qualquer cousa, toma-a firmemente e por uma vez ; e nunca faltes ás tuas promessas.

Economia. — Não gastes o teu dinheiro senão em cousas de utilidade tua ou alheia ; isto é, gosa mas não desperdices.

Trabalho. — Não percas o tempo ; occupa-te sempre em alguma cousa util, abstem-te de qualquer acção desnecessaria.

Sinceridade. — Evita os subterfugios, pensa sempre com innocencia e justiça, e dize sempre o que pensas.

Justiça. — Não offendas a ninguem, não só evitando-lhe qualquer damno, mas fazendo-lhe o bem que poderes.

Moderação. — Fóge dos extremos ; isto é, usa mas não abuses ; sente o bem e o mal conforme a tua razão te disser que elles o merecem.

A gentil menina Mathilde Staffa

Asseio. — Não desprezes a obrigação que tens de cuidar na conservação da limpeza e arranjo do teu corpo, casa e vestuario.

Tranquillidade. — Não tomes a peito bagatellas, ou acontecimentos ordinarios e inevitaveis.

Humildade. — Toma por modello desta virtude a Christo e Socrates.

O ENTERRO DA CREANÇA

Quando ella falleceu, as criancinhas
Foram d'Aldeia todas enterral-a ;
E junto á igreja, as tristes andorinhas,
Em pipilos, vieram lamental-a.

Do cemiterio na sombria entrada,
Já do dia nos ultimos arrancos,
Dos alvos pombos ergue-se a lotada
Como um saudoso *adeus* de lenços brancos.

As timidas creanças,
Conduzindo esse feretro risonho,
Pareciam um bando de esperanças,
Levando, morto, o despertar de um sonho.

As flores em transportes,
Em seus hastis erguidas,
Pensavam té que a região da morte
Mandava Deus agora encher de vidas.

Quem visse aquellas creancinhas todas
Levando de Maria o corpo amado,
Diria que ia haver as grandes bodas
De um casal de bonecas adorado.

Parecia de aurora o doce alvor
Ou que no cemiterio triste e mudo
Subito entrava a primavera em flor,
Irradiando tudo.

O coveiro, que em vão, durante a vida,
Buscou sorrir nesse mister que leva
E que não tarda ver a despedida
Para o paiz da treva,

Sorri contente agora,
Em torno vendo-se das pequeninas,
Emquanto perto chora
O triste grupo das casuarinas.

Quando afinal tombou a derradeira
Pá de terra, as creanças lacrimosas
Sobre a campa da pobre companheira
Jogaram lyrios, atiraram rosas.

E alli naquella solidão sombria,
Da terra sob os lugubres pavores,
Ia findar-se o corpo de Maria,
Todo coberto de risonhas flores.

Chorosas, as creanças
Fugiram de mansinho
Como um bando gentil de pombas mansas
Chorando a que ficou pelo caminho.

Ah ! bem podia um côro de celestes
Anjos, vindos da altura dos empyreos,
Leval-a, envolto em suas brancas vestes,
Coroada de rosas e de lyrios.

Ricardo Barbosa.

O ultimo beijo de Mãe

Quedou-se de pé, hirta, o braço esquerdo ao longo da côxa, a mão direita sustendo o lenço humido, apoiada na borda do caixão, o cabello desalinhado, o chale deslocado e um pouco cahido para traz, mostrando o arfar febril do peito branco e magro.

Esteve assim tres minutos talvez, immovel como se uma corrente magnetica a dominasse, alheia, absorta, esquecida.

Subito, porém, o seu olhar dolente começou a toldar-se, o thorax começou por levantar brutalmente o seio, a bocca abriu-se como no perigo de uma suffocação imminente, os joelhos vergaram-se-lhe, e, ao tempo em que as lagrimas, soltas de novo, oscillavam e cahiam das pestanas semi-cerradas, ella cahia sobre os joelhos, apertando a cabeça entre es mãos, rojando a face pela lage fria da capella.

Então, como se uma ebulição interior se tornasse patente, o corpo começou a arquear-se na explosão de uns soluços cavos e profundos, que pareciam percorrel-o como os jactos de vapor impellidos pelo o abalo da locomotiva.

Senhorita Anna Ribeiro Loures (Nini)

A galante Sylvia, filhinha do Sr. José Henrique Maul, irmão do illustre poeta Carlos Maul

Jesué Rongh, galante filhinho do feliz cazal Rongh

Luciola Gabriella Moura, filha do Sr. Tertullano Moura, funccionario da Alfandega

Os ultimos vapores da noite começavam a elevar-se lentamente dos valles batidos por um fraco nordeste que sacudia as perolas brancas da folhagem das oliveiras.

Aqui e além, ouvia-se o som interminante do chocalho campestre de um guia de rebanho. Emudeciam por graus os ribeiros e as correntes; os apices negros dos montes surdiam na luz crescente, como enormes capacetes de prata esquecidos por titans.

Dentre a relva orvalhada, as cotovias saltavam encastellando-se, soltando as notas crystallinas do seu canto, alegre como uma alvorada de maio e terno como beijo de nupcias.

Para o oriente um resplendor enorme de côres rubras, diluidas num branco mate, elevou-se lentamente, enrubescendo as aguas e os montes.

Os passaros sacudiam entre as folhagens as azas humidas do orvalho da noite e ensaiavam cantos.

A manhã approximava-se; o dia alegre apparecia cheio de luz, de cantos e de orvalhos do céo.

No emtanto a Mãe quedava-se como morta ao sopé do cadaver. O frio intenso despertou-a. Elevou primeiro a cabeça, depois, aos poucos, o corpo.

A luz clara entrava pelas duas janellas esguias e fazia esmorecer a luz dos tocheiros, emquanto tornava mais nitida a pallidez do Crucificado.

Concertou o chale sobre o peito e limpou apressadamente o rosto. Nisto o marido appareceu á porta, pallido e perturbado.

Ella que ia beijar o filho, susteve-se e receiosa, como ficaria uma creança apanhada em flagrante delicto de transgressão da ordem paterna e olhou-o perplexa...

—Então,—disse elle approximando-se,—queres matar-te?

Ella cahiu-lhe nos braços.

Elle apertou-a contra o peito, e, mal sustendo as lagrimas, beijava-a na testa, dizendo com voz velada:—Então, Deus não quer que tenhamos filhos, que se ha de fazer?

Ella debulhava-se em lagrimas e como elle a fosse arrastando mansamente para a porta, susteve-o:—Não, não, Manoel, deixa-me beijal-o... é o ultimo, é o ultimo beijo...

O marido retinha-a:—Não o beijaste ainda? isto faz-te mal; desde quando estás aqui?

—Ha pouco vim; ainda ha pouco; mas deixa-me beijal-o, um beijo só e sahirei...

E, libertando-se dos braços do marido, cambaleante, tremula, pallida como se tivesse sahido de um tumulo, abeirou-se do filho e apoiou os braços em cruz nas bordas do caixão. Como se olhasse um abysmo, fitou-lhe o rosto.

Depois curvou-se insensivelmente, respirando afflicta, a fazer ondear com o bafo os cabellos do morto.

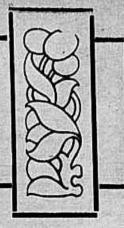
A sua cabeça desceu... desceu... lentamente; o olhar esmorecido fitava-se com insistencia no morto; approximava-se meigo, indescriptivel, a esmorecer num ameaço ultimo de um ultimo desejo.

O corpo vergou-se de todo, os braços afrouxaram, collou os labios do filho e quedou-se...

—Vem, vem! aconselhou cheio de dôr o marido, levantando-lhe a cabeça... Mas a cabeça cahiu novamente.

Nisto o sol rompera no horizonte illuminando jardins e serrarias. Por junto aos ninhos, animadas pelo calor do sol, as aves cantavam docemente essas canções, que só as mães sabem cantar junto ao berço dos filhos. A natureza illuminava e enchia de cantos a estrada por onde a essa hora, a alma da mãe subia, buscando os carinhos do filho.

Marcellino de Mesquita.

CONCURSO INFANTIL

Esteve muito animado o nosso 2.º concurso infantil, para o qual recebemos grande numero de soluções, quasi todas certas, e não podia ser de outra forma pois as questões propostas eram muito faceis.

Damos em seguida as soluções certas, o resultado do sorteio e a relação nominal dos nossos bons amiguinhos que acertaram.

A amiguinha do "Jornal das Moças"

Charada — **Armario.**

Palavra que se lê tanto do principio como do fim — **Arara.**

1.º premio — Alberto Marinho, rua Frei Caneca, 62.

2.º premio — Oscarina Monjardim, rua Nery Ferreira, 75.

3.º premio — Aurea Fortes, Juiz de Fóra.

Relação dos solucionistas que acertaram e concorreram ao sorteio:

Leonor P. Alves, Sylvia M. de Souza, Dario de Almeida, Ismael Silva Pontes, Edyla Tibau Ribeiro, Arcilino Tavares, Mathilde Thomé, Conceição Martins Vaz, Reynaldo Pruzzi, Noemia Freire, Italo C. Vieira, Sebastião Marques de Oliveira, João Baptista Neiva Velasco, Juquinha Campos, Armando Clement, Jovelino Barboza, Noemia R. de Carvalho, Hilda Jalles, Edith Nascimento Lopes, Almir Viggiano Antunes, Marietta Rodrigues Neves, Alida Hortley, Alfredo de Andrade Falcão, Flavio Barbosa, Joaquina Rodrigues da Silva, Iracy Porto, Alberto Marinho, Juvenal Barboza, Herminio Gutterres, Maria do Carmo Britto, Jonia Santos, Maria Deborah Silva, Emygdio Ribeiro, Guilhermina Avellar, Aurea Tostes, Celcelina da Conceição, Maria da Conceição Magalhães, Amelia Gomes, Celeste Pires Coelho, Aurelina Silva, Arthur Lopes, Courizana Pereira, Augusto Veigas, Marietta de Lemos Coelho, Celeste Fernandes, Córa Pinto, Ondina Roque, Alfredina Fernandes, Luisio Santarem, Helena de Souza Vidal, Virginia Velloso, Edith Medeiros, Evaristo Pereira Santos, Norberto de Lima, Hermano Guimarães, Maria da Conceição Cadilhos, Arthur Pereira Mattozo, Inah Miracy Borba, Aristheu Pereira, Cito Ruch, Maria do Carmo Fioravante, Maria do Carmo Pereira, Leonil de Oliveira Paulo, Rita Baptista, Moacyr Tavares Bastos, Francisco de Oliveira Garcia, Paulo Novaes, Annibal Carvalho, Oxarina Monjardim, Helena Peixoto, Mauricio Lordello, Jacy Teixeira, Amancia Alves, Ruth Ramos, Dulce Figueiredo Bastos, Maria de Lourdes Pinheiro, Olga Gonçalves, Vivina de Almeida, Adelina Ferreira de Oliveira, Ernestinho Ascoly, Maria de Lourdes Camargo, Serdotrebla Luza, Irene Gomes, Elza Ruzzo, Annita P. Leitão, Haydéa Borgamin, Juracy Magalhães, Odette Costa Veiga, Maria de Lourdes Fróes, Ida Gomes da Silva, Renata Marinho, Carmella P. Aguiar, Vivaldo Ferreira, Nair da Costa Mesquita, Chiquita, Maria Adelaide, Juvenal Costa, Vivi Martins, Zuleika Faria, Pipita, Racine Pereira, Marcilio Dias, Maria Amelia Ayston Pereira, Graciema Vieira, Nair Guimarães, Raphael Lima, Lulu', Luizinha Nunes, Maria da Conceição, Grazi, Zizinho, Cesar Barbosa, Marianninha, Odette, Carlota Gonçalves, Noemia Lima, Dalva Aguiar, Amenaide Brito, Oswaldo Bezerra, Marietta Figueiredo, Manoel Cortines, Homero Pulcherio, Nair Villarinho, Alcyr Pimentel, Idna Teixeira e Cyrte Inselli.

Questões para o 3.º concurso

Perguntas

Quaes são as mulheres que vivem sempre á janella?

Que é que os frades trazem á cinta e as mulheres nas saias?

Onde se deve collocar um chapéo para não cahir?

Quando Jesus Christo estava na casa dos 13 annos para onde ia?

Na pagina seguinte encontrarão os leitores os pedaços de uma gravura que formarão uma interessante scena.

3.º CONCURSO INFANTIL

Nome ....

Idade ....

Residencia ....

Premios : 1.º, 10$000—2.º e 3.º, livros illustrados de leitura instructiva

Os cães e os seus amigos

ENTRE os animaes que têm merecido as honras do buril e do pincel, merece especial menção o canino.

O capricho do seu talhe, a instructura menos complexa do que a do cavallo, a configuração da cabeça dotada de movimentos quasi humanos, a plastica do corpo—uma machina flexivel e cheia de vida, moldavel á sua funcção, tem sido objecto de serios estudos por artistas celebres.

Elles têm feito palpitar sobre a tela, nos marmores e nos bronzes, os lances sublimes do cão pelo homem.

Os caninos fizeram jús a paginas de ouro nas velhas chronicas da humanidade, figurando, muitas vezes como ornamentos das sepulturas e no interior dos templos.

Nas ruinas, de Thebas, nas pinturas que decoram os tumulos dos pharaós em Ninive, com relevos de granito e de mosaicos, são muito numerosas as pinturas e as esculpturas de cães.

Na idade media é elle representado como um animal formidavel, o talhe de um joven potro, com esse cunho de ferocidade peculiar ao leão.

Na Grecia, onde é mais fino, mais aprimorado aliás, o canino é exhibido sob fórmas mais longas, mais gracis e mais suaves.

A cadellinha de Gabies do muzeu do Louvre, é como que uma pequena lebre digna de cabriolar sobre as pegadas de Diana.

Em Roma—o berço do espirito conservador e da religião domestica, o cão desempenha as funcções de porteiro, sendo força confessar : de um modo assás satisfactorio.

Em muitas casas se destaca este expressivo distico—*Cave canen.*

Na idade media — essa epocha de mysticismo, o cão ympolisava, assim como o touro selvagem, a audacia.

Na renascença é o canino apreciado tão somente pela belleza das suas formas e pelos seus meritos plasticos. A historia não cogita das suas qualidades moraes. Em nossos dias o tradicional e fiel companheiro do homem, tem servido de assumpto para telas do mais alto valor artistico.

Ha vista no primeiro plano das *Noces de Cana.*

O abbade de Brantôme affirma que, Henrique III chegára a despender annualmente a bagatella de 100.000 escudos na compra desses animaes.

O soberano chegára mesmo a conferir uma alta condecoração a um fidalgo que o presenteára com um casal de interessantes cãesinhos do Oriente.

Mesmo em plena côrte, nas suas audiencias, costumava o soberano transportar em uma cesta a tiracollo a trindade canina que em maior grão soubera captar a sua amizade.

Esse berço de palha pendia do pescoço do rei atado por larga faixa tricolor.

Foram as suas ultimas favoritas "Liline," "Titi", e "Mimi" — os tres diabretes mais graciosos do mundo aos olhos do monarcha. Educados a capricho desde tenra edade, attingiram a um tal grão de perfeição, que faziam mesmo sentinella ao throno durante toda noite.

Cada qual, nos momentos da ronda, pousava as patinhas á borda da sua cesta, desferindo dos olhos de lynce um fulgor extranho.

Um pendulo de marmore roxo, com encrustações de ouro, cujo som lhes era familiar, regulava o numero das horas que devia abranger a guarda de cada um.

Desde que a sentinella percebia bater a hora do descanço, passava a morder a orelha do dorminhoco que deveria fazer a sua substituição.

Entre os cães ha escalas e categorias, assim como entre os homens gráos de hierarchia.

No numero dos seus pintores tem um natural destaque o nome de Desportes, que os debuxava com o mesmo accuro de observação com que Mignard o fazia com os personagens da corte.

Para que se possa imaginar o gráo de amizade que lhes tributavam alguns personagens illustres, basta consignar que madame de Sévigné, em carta que escrevera á sua filha, a condessa de Grinau, transmitte lembranças de "Marphise" e de "Hélène", que não passam de duas formosas galgas.

Mas tarde quando madame de Tarente, lhe trouxe de presente um cãosinho todo felpudo, perfumado e louro como o trigo maduro, ella escrevia á filha :

"Peço não revelar esta offerta a Marphise, porque temo ser censurada".

Os caninos da autocracia cóstumam fazer a sesta ao collo das suas illustres senhoras, indo em sua companhia nas custosas carruagens nos passeios e nas visitas.

Na colleira de *king-charles* da marqueza de Rambonillet, Benserado, poeta da corte de Luiz XIV escreveu este madrigal:

Je ne puis offrir de largesse
A celui qui me trouvera.
Me qu il me porte à ma maitresse :
Tour recompense, il la verra.

O canino da realeza é alvo de presentes, como : perfumes, sabonetes e *bonbons*.

Assim é que nos são apresentados os bellos *especimens* desenhados por Lavreince.

Sem esse cortejo de carinhos e de zelos, apparecem nas télas os cães da burguezia, os transeuntes das baixas viellas.

Era muito encontrada essa obscura especie nos pequenos flamengos que o rei não gostava de ter sob as suas vistas.

Não houve em absoluto nenhuma das suas kermesses, aonde esses mal reputados bohemios não houvessem empolgado qualquer doze de iguarias, a menos que não se tivessem occultado em algum recanto para devorar incougruencias.

Madame Pompadour fez esculpir por artistas da corte os seus caninos "Constance" e "Fidelite".

Uma das damas do paço era tomada de tanto amor pela cadellinha Folette, que uma das suas amigas puzera esta original *adresse* em uma carta :

A Madame X . . .
chez Folette.

Nos jardins de Ermenouville, nos Trianos — esses dois pequenos e graciosos castellos mandados erigir no parque de Versailles, os brancos mausoléos dos caninos contrastam com o verdoengo dos cyprestes, dos olmos e das oliveiras que os ensombram.

De noventa jornaes de modas, que circulavam em Pariz, setenta eram confeccionados na Allemanha e na Austria

Custa a acreditar-se. Mas é pura verdade. Em Paris lêm-se ainda jornaes austro-**boches!**

Desde o inicio da guerra que a população parisiense desmascara estabelecimentos commerciaes austriacos e allemães, de apparencia franceza.

Ha, agora, entretanto, uma descoberta de maior sensação. Quasi todos os jornaes de modas de Paris, ainda em junho ultimo, o decimo mez da guerra, eram impressos em Berlim e Vienna. O jornalista parisiense, que trouxe a publico tão grande escandalo, declarou que a industria dos jornaes de moda, desde muito tempo, passára ás mãos dos allemães e dos austriacos. E affirmou o collaborador do "Journal": sobre noventa jornaes desse genero que circulam na grande capital européa, setenta a ella chegavam directamente de Berlim, Vienna e Francfort.

Assim, a casa Backwitz, de Vienna, publicava por sua conta unica vinte e cinco, sendo os principaes "La Mode Parisienne", muito nossa conhecida; a casa Finkelstein, egualmente de Vienna, representada em Paris por um austriaco naturalizado editava, entre outros "Le Grand Chic" e "Les Modes d'Enfant"; a casa Gustav Lyon, de Berlim, dava a lume, regularmente, "La Toilette Moderne", "L'Ideal Parisien", "Manteaux et Costumes des Dames"; e, por fim, a casa Marteins, de Fracfort-sur-le-Mein, editora do "Chic de Paris" e "Les Modeles de Paris".

Pouco importa, agora, o porque dessa inundação em Paris, de jornaes de "modas parisienses" manufacturados em Vienna, Berlim e Francfort. O que interessa, no momento é saber como, com a guerra accesa, forte e intensa, circulam na capital da Moda, — a cidade de "le Vrai et Faux Chic", do Sena — revistas de moda "austro-boches". Camille Duguet é que o explica: o editor viennense Bachwitz conseguiu seu intento, por intermedio do seu agente de Londres, M. Bell, 203, Oxford Steet, creando dois jornaes genero "tailleur", bem assim o "Elégance de Paris", cujos modelos são manifestamente allemães, como é facil verificar pelos desenhos e côres de todo caracteristicos nesse ponto de vista, e que são a reproducção daquelles do "Chic Parisiense", de Vienna. O "bureau" de venda, em Paris é á rua Marché Saint-Honoré, 11. Gustav Lyon, de Berlim, é um editor mais audacioso. Publicando "Les Jolies Modes de Paris" e "La Façon Parisienne", o primeiro desses jornaes entra em França sob a protecção de um pavilhão neutro, visto como traz o "imprimé á la Haye", e installa-se insolentemente em todos os "kiosques" e em todas as livrarias. Quanto ao "Jolies Modes de Paris", que se encontra por toda parte, Camille Duguet diz ter tido entre as mãos dous exemplares de um mesmo numero, identicamente semelhante. Um levava seu titulo em francez com a indicação "imprimé á Paris", e o outro, possuia o titulo em allemão com a indicação: "imprimé á Berlim" e o nome de Gustavo Lyon sobre a "couverture". São dous os endereços: 79, rua de Charche-Midi, e 48, rua Damrémont. Servem, pois, alternativamente. E desta maneira, si se o sequestra aqui, elle continua a apparecer alli, e a circulação faz-se de alguma fórma, desembaraçadamente ou não, e a serio ou vergonhosamente.

A LUVA

O uso da luva data da mais remota antiguidade e deve ter tido o seu inicio nos paizes frios.

A principio, tinham o feitio de meias, pela ausencia de dedos separados, que só muito mais tarde appareceram.

No seculo XII já era corrente o seu uso: havia as de pelle de cão, de veado, etc., para os faconeiros, os guerreiros, os caçadores; as de pelles finas, de sêda, de velludo, para as outras classes.

A forma e as dimensões das luvas tambem variaram conforme as épocas : houve-as curtas, fechando no pulso, e houve-as longas, até qnasi ao hombro.

A fantasia, o desejo de chamar a attenção estiveram tambem a serviço das luvas. Assim, no seculo XVI, o luxo da galanteria era usar luvas de pelles perfumadas, bordadas a ouro, prata ou sêda, e havia mesmo damas elegantes que se apresentavam nos salões exhibindo luvas abertas, talhadas na parte superior dos dedos para que todos vissem os anneis de brilhantes, que não podiam ser dispensados . . .

A partir de Luiz XV, as formas das luvas usadas em geral são sempre as mesmas dos modellos actuaes, apenas modificadas pela moda, que hoje impõe como ultra-chic a luva ornada de «baguettes»ou filigrannas de ouro . . .

DE TUDO UM POUCO

Fuzilamento do Marechal Ney

O grande marechal da França, duque d'Elchingene, depois principe de Moskova, considerado o bravo dos bravos, ouviu com a maior fleugma a leitura de sua sentença de morte, votada pela Camara dos Pares por 136 votos numa maioria de 161, interrompendo-a apenas durante a enumeração de seus meritos titulos, para exclamar: Dizei Miguel Ney e daqui a pouco um pouco de pó!

Atirou-se depois todo vestido em seu leito e dormiu calmamente até ás 5 horas da manhã.

Uma hora depois, foi-lhe permittido ver a esposa e os filhos, beijando-os com a maior firmesa de animo embora com o coração a sangrar.

Recebeu os soccorros da religião do cura de São Sulpicio, a quem mandou chamar. A's 9 horas seguiu, entre duas alas de soldados, até á grade do Observatorio. Ao subir para a carruagem disse ao cura: Subi primeiro, subi primeiro, senhor cura, que mesmo assim, estarei antes de vós lá encima.

Quizeram pôr-lhe a venda nos olhos.

—Ignoraes que desde os 25 annos que vivo a encarar de frente as balas e as granadas?

Depois protestou contra a sentença:

—Protesto contra o julgamento que me condemnou; teria desejado antes morrer por minha patria nos combates; mas ainda vejo aqui o campo da honra, viva a França! E cahiu, trespassado por dez balas de encontro a um muro de Pariz, com 46 annos de idade, o mais valoroso e querido dos generaes napoleonicos.

◆◆◆

Cold Cream

Tomem 32 grammas de tutano de porco e façam derreter em *banho maria*.

Côem-n'o depois em uma peneira fina ou panno de cassa bem fechado. Reponham o tutano na mesma vasilha e juntem-lhe 32 grammas de espermacete, outro tanto de cêra branca e igual porção de oleo de amendoas fino.

Colloquem novamente a vasilha no *banho maria*, e logo que a cêra e o espermacete forem se derretendo mexam com muita precaução.

Quando tudo se achar intimamente ligado retirem do fogo, juntando então um meio copo d'agua de rosas.

Batam apressadamente até que o *clod-cream* se solidifique e esfrie.

A agua de rosas que lhe sobrenadar serve para conserval-o fresco.

◆◆◆

Para friccionar a pelle

Pela manhã, logo ao levantar-se, para conservar a pelle sempre fresca, lisa e de bella colloração, devem as nossas gentis leitoras usar da seguinte locção, composta de.

Agua de rosas	400 grammas
Borax	10 "
Pedra hume	10 "
Alcool de 60°	50 "

A' noite, a fricção póde ser d'agua quente addicionada de algumas gottas de benjoim.

Conservação de fructas

As fructas, envolvidas em papel de sêda, mantêm-se assim por muito tempo até á sua sazonagem, conservando não só a sua bôa apparencia como todo o seu sabor.

Entre folhas seccas de arvores ou palha, tambem se conservam bem e com bons resultados para o aproveitamento do maior numero.

Nem o restolho de forragem nem a serragem de madeira, apezar de recommendados, devem ser utilisados para esse fim, porque contribuem muito para o apodrecimento das fructas.

Com aquelles primeiros meios aconselhados, basta que se evite a humidade.

◆◆◆

O espelho

Os primeiros espelhos foram de metal; Cicero attribuiu a invenção delles a Esculapio, deus da medicina e Moysés faz delles menção.

Foi no tempo de Pompeu que fabricaram em Roma os primeiros espelhos de prata.

Plinio fala duma pedra brilhante, provavelmente o talco, susceptivel de dividir-se em laminas que, posto sobre um plano metallico, reflectem perfeitamente os objectos. Os primeiros espelhos de vidro appareceram na Europa no fim das Cruzadas; Veneza, que primeiro soube fabrical-os, veio enriquecer os seus negociantes, e exportou estas manufacturas para todos os estados da Europa.

◆◆◆

Um gesto de romano

Na batalha de gemmapes, narra Lamartine nos *Girondinos*, na occasião em que uma columna, approximando-se de um dos reductos, desfilava diante do general Dampierre, aos gritos de "Viva a Republica" com um enthusiasmo que tornava o solo elastico sob os pés dos soldados, este percebeu, por entre os voluntarios, um velho de cabellos brancos, todo banhado em prantos, a bater no peito.

—Que tens, meu amigo? perguntou-lhe Dampierre, achas que é hora de tristesas para um soldado que marcha para a victoria ou para a morte?

—O' meu filho! O' meu filho! exclamava para comsigo mesmo o combatente, será preciso que a lembrança de tua vergonha envenene uma occasião solemne como esta?

E contou ao general que seu filho, arrolado no primeiro batalhão de Pariz, tinha desertado e que elle, seu pae, correu logo para tomar o seu logar e para dar sua vida em troca do peito que a covordia de seu filho tinha roubado á nação.

Esse gesto do romano foi consignado nas proclamações de Dumouxiez ao exercito. Os jovens soldados tinham ardente desejo de ver esse veterano que resgatava de tal modo a falta de seu filho e, ao pensarem nesse acto de abnegação, lembravam-se com orgulho de seus velhos paes.

O parmenidismo

Parmenides foi o primeiro philosopho que teve a ousadia de imaginar que todo o Universo nada mais é do que uma grande illusão.

Essa theoria é uma das mais aceitaveis, visto como, admittindo ella que tudo que nos rodeia é uma illusão, só existindo realmente o Deus eterno que não se transmuda, a nossa vida pode ser deliciosa nessa apparencia das cousas.

A theoria do parmenidismo não é, mesmo no terreno do positivismo, completamente absurda porque a imperfeição dos nossos sentidos faz com que sejamos constantemente illudidos com os mais simples phenomenos naturaes; admittir porém, que tudo que nos rodeia é illusão do nosso espirito, é doloroso para nós, porque é tomar por simples apparencia aquillo que chamamos realidade.

Pensando-se bem e bastante, (erro é pensar pouco e mal), na theoria ideal de Parmenides, nota-se que ha nella um tom ironico que só serve para augmentar a nossa duvida, e bastante razão tinha Le Bon quando affirmou que a sciencia cria mais mysterios que esclarece.

Auzemir.

RECEITAS

Sopa de fatias de ovos

Batem-se oito gemmas de ovos em meio litro de caldo de carne, cozinha-se em banho maria; logo que tenha engrossado convenientemente cortam-se fatias desse bolo de ovos e pôem-se na sopeira, com caldo bastante para que as fatias nadem nelle como se fossem fatias de pão.

O caldo não deve ir para a sopeira senão fervendo e na hora de servir-se á mesa.

Batatas fritas em manteiga

Descascam-se as batatas crúas, cortam-se em rodelas de igual tamanho; derrete-se um pouco de manteiga em uma frigideira onde se collocam as batatas e leva-se ao fogo. Quando estiverem bem coradas, polvilham-se com sal fino e salsa picadinha na occasião de servir.

Guizado de carneiro com caruru

Toma-se um pouco de carne de carneiro assado, corta-se em pedaços e frigem-se durante um instante em gordura e duas colheres de fubá mimoso; juntam-se-lhes logo tres chicaras de caldo de carne ou d'agua, sal, salsa, folhas de cebola e uma mão cheia de caruru miudo escolhido, escaldado e fervido, durante meia hora, sobre brazas.

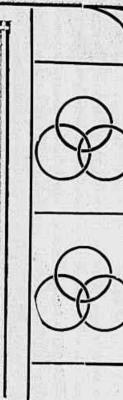
Não é bella, nem admirada a mulher que tem manchas, sardas ou espinhas.

Ora, o meio de se tornar bella e admirada, é usar a agua **NACARINA DEALBA**, que a extraordinaria artista Clara della Guardia não dispensa no seu uso constante.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E PERFUMARIAS

Deposito:

AVENIDA PEDRO IVO, 180

S. CHRISTOVÃO

"INSTITUTO LUDOVIG"

Tratamento e embellezameno da CUTIS

Dirigido por Eugenia Ludovig — Diplomas dos Institut Médical des Agents Physiques et Ecole Supérieure de Massage Médical de Paris

Os preparados do Instituto Ludovig são os que gozam de mais fama no tratamento da pelle, a sua efficacia está provada por centenas de attestados que Exmas. Senhoras expontaneamente nos enviam.

São productos para tratamento da pelle, e não confundir-se com artigos de toilette.

São verdadeiros medicamentos para a cura radical das **Sardas, Manchas, Espinhas** e todos os defeitos da Cutis. **O Instituto Ludovig** é o unico estabelecimento que dispõe de todos os apparelhos, para massagem do rosto.

Avenida Rio Branco, 181 — 1° e 2° andares — Rio de Janeiro

Telephone 3011, Central—End. Teleg. LUDOVIG-RIO

Succursal: RUA DIREITA, 55 B — S. PAULO

INTEIRAMENTE **GRATIS**

Um lindo relogio para Senhora ou para Homem e um bonito annel cravejado. Se nos mandar o seu nome e direcção por extenso, immediatamente lhe enviaremos 40 pacotes do nosso perfume sem rival, para serem vendidos ao preço de Rs. 600, cada um. Effectuada a venda, queiram remetter-nos os Rs. 24$000 que cobraram dentro de 30 dias da data em que recebeu o perfume, e por este serviço lhe enviaremos immediatamente. sem outras exigencias, o relogio e o annel.

Fazemos este annuncio extraordinario com o objectivo de introduzir rapidamente nossos productos, pois estamos convencidos de que uma vez vulgarisados, hão de ter uma enorme venda. O valor excepcional dos premios dados em troca d'este pequeno serviço torna claramente impossivel mantermos, indefinidamente este annuncio. Assim, se desejardes aproveitar esta occasião, enviae-nos immediatamente o vosso nome e endereço. Nada vos custa experimentar. Serão por nossa conta todas as despezas de transporte do perfume e dos premios.

NATIONAL SUPPLY CO., Caixa 1454, Rio de Janeiro.

AO PALACIO DAS NOIVAS

FAZENDAS, MODAS, ARMARINHOS E CONFECÇÕES :: :: :: ::

Unica casa especial de Enxovaes para casamentos

RUA URUGUAYANA, 83

RIO

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS

Enxovaes para noivas desde 50$000 ao mais rico

MAISON FLEURIE

Fabrica de Fôrmas para Chapéos de Senhoras, Senhoritas e Meninas

Confeccionam-se chapéos pelos ultimos figurinos

CONCERTAM-SE, LAVAM-SE E TINGEM-SE FORMAS, PLUMAS E BOAS

172, RUA 7 DE SETEMBRO, 172

RIO DE JANEIRO

USINA
SÃO GONÇALO
Fabrica de doces e licores, vinhos e vinagres de fructas, nacionaes, xaropes, aperitivos, vermouths, bebidas gazosas e espumantes - - - -
A' venda em todas as casas de fructas, de bebidas e armazens e no Deposito Geral á - - - - - -
Rua de S. José, 57
Telephone 4475-Central
RIO DE JANEIRO
G. SEABRA.
COMPOTA de Laranja
A BELLEZA...
só se adquire fazendo uso dos deliciosos doces, fructas crystallisadas e em compóta, doces em geleias, marmelada, goiabada, bananada e pecegada
DA USINA SÃO GONÇALO

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14